CONPLEI

Um Movimento da

3ª ONDA MISSIONÁRIA



Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas

www.CONPLEI.org.br

Organizadores:
Henrique Dias e Joshua Chang

Fotos capa: Taís Araujo, Joshua Chang

Design Capa: Joshua Chang, Paulo Nunes

Título: CONPLEI; um movimento da 3ª onda missionária.

Organizadores: Henrique Dias e Joshua H. Chang

Revisão: Marlene Kling

1a impressão: Setembro 2011

Tiragem: 4.000 cópias

CONPLEI

Conselho Nacional de

Pastores e Líderes

Evangélicos Indígenas

Um Movivento da Terceira

Onda Missionária

Em Cada Povo Uma Igreja Evangélica Genuinamente Indígena



www.conplei.org.br

Dedicatória

A todos os missionários de todos os tempos que suaram, choraram, e derramaram seu sangue para que nós pudéssemos ouvir o nome do Senhor Jesus.

CONPLEI – MOVIMENTO DA 3ª ONDA MISSIONÁRIA

CONTEÚDO

Prefácio *7*
Parte 1
I. Introdução: História Da Missão Entre Os Povos Indígenas Do Brasil;
100 Anos (1912-2012), *Ricardo Poquiviqui Terena* *9*
II. Apresentação, *Henrique Dias Terena* *14*
III. O Que É CONPLEI? *Henrique Dias Terena* *15*
IV. Projetos Em Andamento
Mobilização*, Paulo Nunes* *19*
AMEI, *Corina B. Terena* *22*
AITE, *Leonizia Tucano* *24*
Festejando a Libertação, *Edson Bakairi* *26*
Semíraita, *Alceris Dias Terena* *28*
Esportes, *Edson Bakairi* *30*
PAMI (Programa de Adoção do Missionário Indígena), *Paulo Nunes* *31*
Associados Do Conplei, *Joshua Chang* *33*
Outros Projetos, *Joshua Chang* *34*
V. Projetos Em Parceria, *Joshua Chang* *36*
Parte 2
VI. Movimentos Paralelos No Exterior, *Eli Leão Catachunga Ticuna* *41*
VII. Anexos
Estatística Atual; Desafios (Dai-Amtb), *Ronaldo Lidório* *47*
30 Dias De Oração Pelos Povos Indígenas do Brasil, *Ronaldo Lidório* *71*
Uma História dos 100 anos*, Ricardo Poquiviqui Terena* *105*
Mapa Alteco (Tribos Indígenas Na Bacia Amazônica Sul-Americana) *118*

Prefácio

Nos últimos dez anos testemunhamos um crescimento inédito em termos de evangelização aos povos indígenas no Brasil. Este avanço foi alavancado por vários movimentos missionários entre as agências que trabalham em muitos campos indígenas, sejam elas de acesso fácil ou não.

Mas com todo esse movimento não deixaremos de mencionar um movimento em particular que Deus está levantando no Brasil, unindo tantas agências missionárias como também as mais de 60 etnias que fazem parte deste movimento e está influenciando outros por todo país, bem como os amazônicos adjacentes; O CONPLEI—Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas.

As dificuldades de acesso aos campos indígenas, os missionários não indígenas (nacionais e estrangeiros), têm sentido a necessidade de buscar novas estratégias. Uma delas é que os próprios indígenas tornem-se um missionário para seu povo. Assim as três ondas missionárias: estrangeira, nacional e indígena; chegariam juntas ao campo missionário com a força de um ***tsunami espiritual*** para que a mensagem salvífica do evangelho chegue até aqueles que vivem em lugares distantes e restritos ao acesso humano.

Estamos muito animados em poder publicar este livro que descreve, com certa brevidade, mas de conteúdo conciso, este movimento, como nosso colega Isaac Souza muito bem observou, a "Terceira Onda Missionária."

Muitos já ouviram falar do CONPLEI, outros participaram dos congressos missionários promovidos pelo CONPLEI, entretanto, nem sempre houve um entendimento completo do movimento e de suas atividades.

Através deste livreto informativo daremos uma visão geral do movimento que está crescendo cada vez mais influenciando o trabalho missionário entre os povos indígenas no Brasil e na Amazônia que envolve a América do Sul e que seja útil a todos, tanto aos indivíduos, como as entidades, que desejam ser envolvidas na seara e nos campos indígenas para que a mensagem do evangelho do Senhor Jesus seja pregado até as etnias que não foram alcançadas.

Henrique Dias Terena /Joshua H. Chang

Setembro 2011

PARTE 1

I – INTRODUÇÃO - *Ricardo Poquiviqui Terena*

HISTÓRIA DA MISSÃO ENTRE OS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL; 100 ANOS (1912-2012)

Essa pequena reflexão é para explorar o potencial que a Igreja Indígena tem e conseqüentemente unir todas as etnias, bem como os não índios e estrangeiros com o objetivo de alcançar mais patrícios que perecem sem a salvação através de Jesus. Segundo Souza, Ralph Winter sintetiza de maneira extraordinária, por meio de uma visão divida em períodos históricos, a caminhada evangélica em direção as missões modernas. Segundo ele, o primeiro período foi voltado para as regiões litorâneas e teve inicio com William Carey em 1792. O segundo período foi voltado para as regiões interioranas e começou com Hudson Taylor em 1865. Já o terceiro período foi voltado para diferenças sócio-étnicas e iniciou-se com William Cameron Townsed (fundador da missão Wycliffe) e também com Donald McGavran por volta de 1934. Essa metodologia de Winter, e de maneira muito apropriada oferece diretrizes para uma síntese da caminhada evangélica em termos de missões indígenas no Brasil. Aproveitando as características bem definidas de cada fase de nossa história missionária, definiremos as divisões dos períodos de "ONDAS", como explica Isaac Souza no seu livro "de Todas as Tribos."

A **primeira onda missionária** chamada de **"Onda Estrangeira"**, segundo Matos em seu artigo, destaca duas tentativas de evangelização aos indígenas: o primeiro culto evangélico em terras brasileiras deu-se a 10 de março de 1557, no Rio de Janeiro, como resultado da vinda dos huguenotes franceses para o Brasil. No domingo 21 de março do mesmo ano celebrou-se a primeira santa ceia. Mas, em janeiro de 1558, Nicolas Durand de Villegaignon, que havia convidado os huguenotes a virem ao país,

expulsou-os daqui, estrangulando três deles. Jaques Le Balleur perpetuou o esforço ainda por dez anos, sendo então, enforcado por estar pregando entre o grupo indígena Tamoio. O segundo esforço evangélico deu-se por meio dos holandeses no nordeste, de 1630 a 1654, quando acabaram expulsos pelos portugueses. Como não se conhece evangélicos indígenas resultantes dessas duas tentativas podemos dizer que elas foram completamente sufocadas. No entanto, foram os primeiros movimentos em direção à formação de uma onda missionária aos indígenas do Brasil. Segundo Ralph D. Winter, após um longo período de tempo. Anos depois veio a South America Indian Mission (1913). É aí, sim, que a primeira onda se formou de maneira discreta, pois logo vieram também: Unevangelized Fields Mission (UFM em 1931), New Tribes Mission (l946), Wycliffe Bible Translators/Summer Institute of Linguistics – WBT/SIL (1956), entre outras. Com um agrupamento desse porte, o pico da onda tornou-se reconhecível. Com a graça de Deus esses homens entenderam o chamado e deram suas vidas, sacrificando suas famílias para trazer o evangelho ao Brasil. Depois daquela primeira tentativa que os missionários fizeram e que não deu certo entre 1630 a 1654, na evangelização dos indígenas, agora em 1912 oficialmente tiveram resultados com o povo Terena.

A segunda Onda Missionária - "Onda Nacional", Souza relata que entre 1925 e 1926, o batista Zacarias Campelo iniciou trabalhos junto á comunidade Krahô, desenvolvendo atividades também entre os Xerentes, no atual Tocantins. Foi um trabalho pioneiro, visionário e desbravador, mas muito isolado e sem grandes influencias no movimento missionário; tanto que só agora, depois de mais de 65 anos, a Junta Batista de Missões Nacionais esta produzindo seu primeiro Novo Testamento aos Xerentes. A missão Evangélica Caiuá veio logo depois, em agosto de 1928, com um excelente serviço, mas também sem profundas modificações no cenário geral de missões indígenas. Embora nenhuma dessas iniciativas se caracterize como onda missionária, todavia constituíram os primeiros esforços para delineá-la. O formato dessa onda, na verdade, emergiu de

um conjunto lento, mas integrativo de fatores, tais como: Início de cursos específicos para o campo indígena, oferecidos por Novas Tribos (1956) e SIL (1959) com dados oficiais a partir de 1973 e a Inclusão de brasileiros no rol de membros das missões estrangeiras, levando a criar razões socio-nacionais. Daí nasceu a Missão Novas Tribos do Brasil (1953); Missão Evangélica da Amazônia (MEVA) e Missão Cristã Evangélica do Brasil (MICEB - 1959) ambas no mesmo ramo da (UFM – Unevangelized Fields Mission - 1931). Inicio de curso de missões do seminário bíblico palavra da vida (Atibaia-SP), por Neil Hawkins, fundador da MEVA. Fundação de missões brasileiras, como a Missão Evangélica dos Índios do Brasil (MEIB) e a Associação Lingüística Evangélica Missionária (ALEM – agosto de 1982). Início de trabalho indígena por juntas denominacionais e jovens com uma missão *(JOCUM).*

A terceira Onda Missionária – "Onda Indígena", Ao passo que a caminhada na busca por parceria com as igrejas, principalmente as nacionais, a onda missionária indígena tem sido forte, pois, com toda a limitação, já tem procurado atender outros povos de outras etnias graças a algumas igrejas indígenas e parceiros atuantes. Isaac Souza em sua pesquisa relata que a primeira instituição principalmente para o preparo de líderes indígenas evangélicos deu-se com a adaptação em 1980, do Instituto Bíblico Cades Barnéia, sob a direção da South America Indian Mission (SAIM), essa escola tem índios Terenas na direção. O instituto pertence à primeira organização evangélica indígena (UNIEDAS – União das Igrejas Evangélicas da América do Sul). Nacionalizada em 02 de Abril de 1972, onde os missionários estrangeiros passaram o comando da missão para os próprios indígenas, numa visão fantástica e que no futuro seria a primeira missão autóctone que enviará missionários indígenas para os próprios povos indígenas do Brasil. Embora a ALEM esteja incluída na onda nacional, possui pelo menos um indígena como membro. O mesmo ocorre com a Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Em 1990, surgiu também a organização da tribo Tikuna do alto Solimões; o

OMITTAS (Organização da Missão Indígena da Tribo Tikuna no Alto Solimões). Os Tikunas formam o maior grupo indígena em termos de população no Brasil. A Igreja indígena está em franco crescimento, e isto se deu a partir das relações inter-tribais locais, atuação missionária com ênfase no discipulado e treinamento indígena.

O registro lingüístico, associado à produção de material para letramento indigena é outro vigoroso fruto das iniciativas missionárias que se envolvem, especialmente, com grupos que estão à margem do cuidado e interesse da sociedade. O que bem caracteriza essa terceira onda é a aproximação entre líderes evangélicos indígenas. Hoje, as igrejas indígenas têm realizado o que chamamos de "Terceira Onda Missionária". Elas têm contribuído para a evangelização entre os próprios parentes, graças ao esforço das ondas anteriores quanto ao exemplo deixado pelos primeiros missionários e suas missões que foram tão importantes nesse processo, o fato de algumas missões nacionalizarem, ou seja, passar o comando para os próprios indígenas.

Assim sendo, melhor é obedecer e cumprir a ordem deixada por Jesus Cristo para a sua igreja. É o que está faltando muitas vezes no meio evangélico: a **cooperação, união, uma melhor estratégia de atuação missionária**, para atender, dentro do país, as necessidades e carências do evangelho e também fora do Brasil. Nessa proposta de definir as ondas, temos uma idéia e um começo para poder organizar melhor o trabalho missionário indígena. Segundo Souza ele afirma que as missões indígenas também não são a "resposta" para as limitações das duas ondas, estrangeira e nacional. Obviamente, a solução é o próprio DEUS, mas pensando em termos de mobilização e esforço humano, acreditamos que nos aproximaremos acertadamente da resposta adequada quando conseguirmos com mútuo respeito conjugar as três ondas em uma única onda maior, uma vez que, cada uma tem sua parcela de colaboração.

Tudo deve partir de uma disposição em cumprir a palavra de Deus, obedecendo ao chamado e fazendo parte da grande comissão. É muito importante a interação das três ondas para o melhor avanço do evangelho entre os povos indígenas do Brasil.

Bibliografia:

LIDÓRIO, R. **Indígenas do Brasil**. Viçosa - MG: Ultimato, 2005.

MANRIQUEZ, J. **História das Missões**. Dissertação de Mestrado, 4-7, 2004.

SOUZA, Isaac Costa de & Lidório, Ronaldo (Org). **A questão indígena: Uma luta desigual**.
Viçosa: Ultimato, 2008

SOUZA, I. C. **De Todas as Tribos**. Viçosa-MG: Ultimato, 2003.

II – APRESENTAÇÃO - *Henrique Dias Terena*

Em 1500 quando os portugueses chegaram ao Brasil, mais de cinco milhões de índios viviam aqui. Apesar disso, segundo os últimos levantamentos o número hoje chega somente a 360 mil (população de aldeados). Devido péssima situação, despertou-se para a consciência de que era preciso preservar o povo restante. A situação hoje, embora ainda preocupante, melhorou. A população indígena apresenta uma taxa de crescimento anual de 3,5%, bem mais alta que a média nacional. Apesar de pequeno crescimento, este segmento da sociedade brasileira ocupa áreas demarcadas que equivalem a 11% do território nacional dividido em 245 nações (2005). Os índios brasileiros falam cerca de 185 línguas diferentes. Na época do descobrimento, eram 900 povos e mil e trezentos idiomas.

Nos últimos 10 anos uma série de medidas vem restringindo cada vez mais as atividades do setor evangélico no Brasil. Além disso, a articulação de intelectuais e estudiosos, com a repercussão na mídia, tem fomentado um sentimento hostil às organizações missionárias. Obviamente, é hora de a igreja erguer a voz e agir positivamente para que o evangelho não seja impedido de penetrar as trevas, em lugares sem o conhecimento de Cristo. O **Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas**, CONPLEI, então nasceu do sonho de pastores e líderes evangélicos indígenas que ardiam pela paixão e com a visão de ver Deus glorificado entre as tribos do Brasil. No dia 22 de Março de 1991, na sede da Sociedade Bíblica em Brasília, aconteceu a primeira reunião do CONPLEI, sendo eleitos dois coordenadores gerais, Carlos Justino Terena e Idjarruri Karajé. Hoje somos uma instituição "jovem" com 20 anos de existência, sabemos que temos uma grande tarefa à nossa frente, por isso precisamos dar as mãos e trabalharmos juntos.

O CONPLEI tem diversas atividades e projetos desenvolvidos em parcerias ao longo destes anos. Gostaríamos de apresentá-los brevemente a seguir.

III – O QUE É CONPLEI? *- Henrique Dias Terena*

No inicio dos anos 90 alguns jovens indígenas sentiram o desejo de fazer ouvir sua voz frente ao governo e as questões políticas eminente no país. Ao juntarmos forças para estes debates fomos barrados pela parte do governo entendendo que essas manifestações poderiam ir contra as políticas e práticas governamentais que atuavam no momento. Porém como se tratavam de indígenas, outras portas foram abertas para que de maneira mais discreta que pudéssemos colocar nossas opiniões e voz.

Durante aqueles primeiros anos poucos avanços se deram por motivos mais diversos que trouxeram muito desânimo e desencorajamento por parte dos indígenas de que devíamos seguir com as idéias até então levantadas. Nessa ocasião nasceram vários movimentos indígenas entre elas a UNE (União dos Povos Indígenas) que já no seu berço não puderam colocar suas idéias em prática. Mesmo assim aqueles jovens indígenas estavam buscando outros caminhos para que pudessem ser ouvidos de uma maneira mais clara em suas propostas e desejos.

Os anos se passaram e no início dos anos noventa vimos outro movimento tomar forma, ainda bem quietinho com passos bem lentos, que seguia outro rumo com propostas da unidade dos povos indígenas, por meio de diálogos junto ao governo e as entidades evangélicas. Havia uma grande lacuna entre o entendimento de quem eram os indígenas e isso deixava uma grande distancia entre eles. O desconhecimento da sociedade cristã e não cristã criavam estereótipos com a qual minavam qualquer ajuntamento por mais passivo que fosse. Com a grande perseguição que algumas agências missionárias estavam passando e as acusações de que estavam estragando a "cultura do Índio" houve a necessidade, de mais uma vez a voz ativa do índio, que nesse período vários "parentes" (um nome que damos aos nosso patrícios) já sentiam a necessidade de serem

mais ousados em suas palavras e comunicação e que repercutiu nos segmentos evangélicos e não evangélicos um ar de descontentamento e preocupação mais ou menos assim: O que é que agora eles vão falar?

Foi nesse momento que nasceu o CONPLEI (Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas), que já no se âmago tinha em suas propostas o diálogo aberto e sério com convicções postadas em seu preparo nas mais diversas esferas acadêmicas; o que trouxe um grande susto e apreensão no meio dos estudiosos, mídia, igrejas bem como em outras partes do seguimento da sociedade. Foi entendido que era hora de compartilhar nossa visão e sonho, de que embora diferente em seu modo de vida, tinha algo a contribuir com a sociedade.

O povo evangélico conhecia apenas dois movimentos missiológicos: a estrangeira e a nacional. Mas havia outro movimento a que estamos chamando de terceira onda missionária; índios evangelizando outros índios. O CONPLEI trouxe um novo modelo de unidade sem marketing e nem holofotes, porém, com humildade e paixão, a ver o reino de Deus crescer.
Cremos que Deus levantou um novo momento no cenário missionário brasileiro que ao longo dos anos ficou apagado por conta de perseguições ou simplesmente por falta de um compromisso sério do povo de Deus em relação ao seu reino. Com um olhar mais direcionado puderam contemplar um novo seguimento de que a seara já estava branca para a colheita, ou seja, os rios, matas e igarapés apontavam um novo caminho ou uma nova navegação para esta nova colheita.

O CONPLEI almeja que a visão de alcançar as tribos do Brasil possa ser sua também. O clamor daqueles que se encontram presos pelos espíritos e longe de um relacionamento com Deus não pode ser ignorado. Certamente este é o tempo de Deus na história. O que parecia ser um fracasso Deus transformou em bênçãos. É hora de a igreja sair de seu ambiente acomodado para se envolver no trabalho de missões indígenas

junto conosco. O que nos distancia não é tanto a questão cultural, mas a falta de informações corretas e a falta de visão diante do clamor dos perdidos.

Como indígenas que somos os nossos corações transbordam de alegria ao nosso Deus que desde a eternidade, nos tinha incluído em seus planos. Mesmo sem espaço próprio, mesmo lutando por uma terra perdida aqui no mundo, a tribo indígena tem um lugar reservado no céu, onde todas as tribos, nações, e línguas farão parte do novo céu e nova terra e aí sim será de fato "terra sem males".

Por muito tempo as igrejas brasileiras permaneceram alienadas das questões indígenas. E todas as informações e desinformações que lhes chegavam aumentavam cada vez mais essa distância. Amigos chegou a hora de estender um pouco mais a nossa tenda e alargar um pouco mais a nossa visão. O momento é esse.

VISÃO, MISSÃO E OBJETIVO

Sempre priorizando o cumprimento do mandamento Bíblico de anunciar o Evangelho a todos os povos, nações e línguas, são estes os objetivos estatutários do CONPLEI:

1. *Coligar e promover a união e confraternização dos pastores e demais líderes evangélicos indígenas.*
2. *Representar igrejas evangélicas indígenas e assessorá-las em assuntos pertinentes junto à sociedade civil e aos poderes públicos constituídos.*
3. *Resguardar, defender e pleitear os direitos indígenas.*
4. *Avaliar, emitir pareceres e formular orientações sobre a atividade missionária em área indígena.*
5. *Desenvolver a conscientização nas Igrejas Evangélicas Brasileiras sobre o seu papel na evangelização e na ação*

social junto aos povos indígenas do Brasil.

6. *Promover reflexão sobre uma teologia de missões adaptada à complexidade cultural e a realidade indígena.*
7. *Programar e promover curso de treinamento para obreiros indígenas em evangelização transcultural.*
8. *Promover intercâmbio entre igrejas indígenas e as demais igrejas evangélicas do país.*

O CONPLEI tem crescido ao longo destes anos e foi necessário a regionalização para agilizar projetos e ministérios acontecendo no Brasil como todo. O primeiro foi na região do norte com base em Iranduba, AM, com Alceris Dias Terena como o coordenador regional do Norte. Também, na região Sul, O Pr. Luiz Bitencourt é o coordenador regional desta região. Se você ou sua igreja está perto de uma representação do CONPLEI faça contato e verifique as atividades que estão acontecendo na sua região.

Atualmente a diretoria nacional do CONPLEI é composta da seguinte maneira:

Diretor Presidente: Henrique Dias, Terena
Diretor Vice-Presidente: Eli Leão Catachunga, Ticuna
Diretor Secretário: Luiz Bittencourt, Terena
Diretor Vice-Secretário: Leonizia Firmo Jutzi, Tucano
Diretor Tesoureiro: Edson Oliveira Santos, Bakairi
Diretor Vice-Tesoureiro: Jonas Reginaldo, Terena
Vogal: Jayson de Souza Morais, Guarani

Por favor, estejam orando por estes líderes, que sejam humildes e sábios nas decisões.

IV – PROJETOS EM ANDAMENTO

MOBILIZAÇÃO - *Paulo Nunes de Carvalho*
O CONPLEI tem variados ministérios, entre eles o de Mobilização, que foca três ações de ajuntamentos para relacionamento, comunhão e crescimento espiritual. São estes os Congressos Nacionais, Congressos Regionais e Congressos de Conscientização Missionária.

CONGRESSOS NACIONAIS do CONPLEI

É um dos eventos mais marcantes na historia de evangelização dos povos Indígenas. Os congressos Nacionais aconteciam a cada dois anos, mas por causa da magnitude do evento ficou decidido desde 2008 que será feito a cada quatro anos. Neste congresso se reúnem irmãos de várias tribos/etnias, povos, línguas e nações do Brasil e de outros países para juntos testemunhar, se relacionar, aprender, orar e louvar a Deus. É um tempo de encorajamento onde os irmãos Indígenas e não-Indígenas se encontram para compartilhar suas lutas e vitórias, e receberem um novo ânimo para continuar no desafio de levar o Evangelho a todos os povos. É um tempo de capacitação e preparo espiritual, onde são planejados novas metas e alvos para o futuro da Igreja Indígena.

As três ondas missionárias (Estrangeira, Nacional e Indígena) se encontram para orarem, buscarem em Deus orientações e direcionamento necessário de trabalharmos juntos como parceiros e em comunhão para que num futuro próximo os povos Indígenas do Brasil possam também conhecer a Graça do Criador. Também são momentos de muita festa cultural, cada povo vestindo as suas pinturas, cantando suas músicas, dançando sua danças, trazendo seus artesanatos, em fim, mostrando tudo que há de melhor na sua cultura mostrando assim que o evangelho não destruiu a sua cultura, mas a completou. Desta maneira os indígenas são encorajados em preservar sua identidade e ao mesmo tempo ser um filho do Criador do Universo, inclusive dos indígenas.

CONGRESSOS REGIONAIS do CONPLEI

Iniciou-se pela primeira vez em 2007 no Amazonas e tornou-se conhecido como Mini-CONPLEI, que surgiu para atender os lideres indígenas de uma "COMUNIDADE" local ou da região escolhida, especificamente para suprir a necessidade daqueles irmãos que provavelmente nunca poderão estar nos Congressos Nacionais. Atendendo esta demanda o CONPLEI realiza estes Congressos periodicamente em alguma Comunidade Indígena de nosso país e que ajuda no fortalecimento e crescimento espiritual do povo focando a UNIDADE, COMUNHÃO, CAPACITAÇÂO e a RESPONSABILIDADE que cada um tem com Expansão do Glorioso Reino de Cristo entre seus patrícios locais ou regionais.

Cada grupo adorando a Deus na sua língua materna entendendo que seu valor espiritual vem do Criador e juntos eles estão buscando em Deus seus objetivos comuns que os unam nas realizações de seus sonhos. Esses Congressos regionais têm fortalecido a visão do CONPLEI que é comunicar o Evangelho de uma forma contextualizada, discipulado, plantação e fortalecimento da Igreja Genuinamente Indígena.

CONGRESSO DE CONCIENTIZAÇÃO MISSIONÁRIA INDÍGENA:

Criado exclusivamente para mobilizar, despertar e atender as necessidades da Igreja nacional, denominações e organizações/agências que buscam conhecer mais desta realidade, para assim poderem se envolver, atuar e investir como parceiros na tarefa de comunicar o Evangelho entre os Povos Indígenas do Brasil. Essa é uma estratégia que o CONPLEI tem usado para que a Igreja Nacional e organizações/agências tenham uma visão clara da responsabilidade de se envolverem com ministérios específicos voltados para os trabalhos missionários em campos indígenas.

Com os congressos de conscientização missionária indígena do CONPLEI, abordamos temas específicos como: Povos Isolados, Estratégias, Alvos, Metas específicas, Desafios, Parcerias, Intercessão e Estatísticas.

Se a sua igreja gostaria de promover um congresso de conscientização missionária indígena entre em contato conosco. (e-mail: conpleinorte@hotmail.com ou associados.conplei@gmail.com)

Necessidades

Sabemos que eventos deste porte não são possíveis sem o direcionamento do Espírito Santo e o apoio do corpo de Cristo. Por isso estamos pedindo a sua ajuda em divulgar, interceder, orar e agir para tornar estes congressos possíveis. Esta é uma grande oportunidade de trabalharmos juntos para o crescimento do reino de Deus nas tribos Indígenas do Brasil, tribos vizinhas e de outros países.

AMEI - *Corina B. Terena*
Associação de Mulheres Indígenas Evangélicas

A AMEI nasceu no coração de várias mulheres indígenas e não indígenas ao observar o potencial dessas mulheres, que mesmo parecendo frágil e sem muito valor, porém eram muito fortes em suas famílias e comunidades.
Cremos que o Senhor dos senhores tem propósitos e planos para cada um de seus servos. Independentemente da etnia, cultura, raça ou condição social, Deus sempre está convidando as pessoas para fazerem parte do seu grupo a fim de estarem mais perto Dele.

A AMEI tem como objetivo principal somar esforços e nunca dividir. Incentivar as mulheres a serem boas companheiras e parceiras no trabalho de evangelização. Boas esposas, mães, avós e filhas.

Como manifestação de trabalho já houve dois encontros: Em 2010 o primeiro foi em Porto Velho, RO, na base da Missão Jocum com a participação de 85 mulheres de 17 etnias. Em 2011, o segundo encontro foi realizado em Chapada dos Guimarães, no Centro de treinamento AMI, e neste segundo encontro a participação foi de 65 mulheres de 12 etnias. Os dois encontros foram uma benção. A dinâmica foi sempre mostrar a capacidade que cada uma tem para se portar como imagem de Cristo e convicção de ser amada por Deus e serem usadas por Ele onde estiverem.
Conforme Genesis 2:8 Deus tem colocado as mulheres em posição única. A referência bíblica aponta para a necessidade de o homem não estar só, por isso à importância dessa outra metade. A mulher entra em cena como uma criação maravilhosa de Deus, sendo capaz de transformar uma OCA (casa tribal) em um lar.

Orem por estes que fazem parte da diretoria nacional da AMEI:
Corina Terena, Anita Tikuna, Rosimeire Bakairi, Edite Kulina, Durcilene Bakairi e Marcilene Gujo Bororo.

Que todos nós da liderança possamos animar os nossos parentes sendo mulheres usadas por Deus a fim de abençoar muitas vidas. Com certeza o caminho é longo e vai exigir muito esforço, mas com a graça de Deus alcançaremos bom êxito.

AITE - *Leonizia Tucano*
Associação Indígena de Tradutores Evangélicos

A AITE foi formada durante o primeiro fórum de tradutores indígenas em 2009 no Centro de Treinamento Ami, Chapada dos Guimarães, MT. Nesta ocasião, as entidades parceiras mencionadas abaixo, viram o potencial do próprio indígena de ser o tradutor ou co-tradutor da Bíblia na sua própria língua visto que eles já a dominam e também entendem a mensagem do evangelho.

No decorrer da história, a Bíblia é o livro mais lido, traduzido e distribuído no mundo. Desde as suas origens, foi considerada sagrada e de grande importância. E, como tal, deveria ser conhecida e compreendida por toda a humanidade. A necessidade de difundir seus ensinamentos, através dos tempos e entre os mais variados povos, resultou em inúmeras traduções para os mais variados idiomas. Hoje é possível encontrar a Bíblia completa ou em porções, em mais de 2.400 línguas diferentes. Entre estas, há traduções em algumas línguas indígenas.

Com o desejo no coração de ver a Palavra de Deus sendo traduzida para as línguas dos povos indígenas do Brasil, é que o CONPLEI tomou a iniciativa de criar um curso para treinar indígenas tradutores, denominado **Projeto TIB - Tradutores Indígenas da Bíblia**. Neste mesmo sonho se juntaram a nós agencias missionárias envolvidas com tradução e evangelização dos povos indígenas como: SIL (Sociedade internacional de lingüística), ALEM (Associação Lingüística Evangélica Missionária), Seed Company, Novas Tribos, Centro de Treinamento Ami e outros. Juntos queremos oferecer aos alunos indígenas um curso para tradutor em sua língua materna.

> *Este curso tem como objetivo cooperar com todas as agências missionárias que trabalham entre os povos indígenas. Portanto não é restrito, é aberto a todos que*

querem capacitar indígenas tradutores da Bíblia. O curso vai funcionar em formato modular, veja as datas dos módulos a baixo:

Local: *Centro de Treinamento Ami, Chapada dos Guimãrães– MT*
1º módulo: *16 de janeiro a 10 de fevereiro de 2012*
2º módulo: *2 a 13 de julho de 2012*
3º módulo: *7 de janeiro a 8 de fevereiro de 2013*

REQUISITOS
· Ter desejo em ser um tradutor da Bíblia.
· Ser crente e ter uma vida de bom testemunho diante de sua Comunidade e povo.
· Ter uma carta de referência de sua igreja. Caso não tenha igreja pode ser de seu líder da aldeia, ou ainda uma carta do missionário.
· Pode ser enviado até 3 tradutores indígenas de uma etnia, e pelo menos 1 deve ter um nível bom de compreensão da Língua Portuguesa.
· Os indígenas devem ter certa prática de escrever histórias em sua própria língua. Antes de virem para o curso de tradução, os missionário-facilitadores devem promover prática de escrita com os indígenas.
· O nível educacional mínimo requerido dos indígenas equivale ao da 4ª série do Ensino Fundamental.
· Deve haver compromisso dos participantes na continuidade do projeto de tradução.

Caso queira mais informações do curso entre em contato conosco
Leonizia F. Jutzi (Coordenadora do TIB)
e-mail: leosuikiri@gmail.com

FESTEJANDO A LIBERTAÇÃO - *Edson Bakairi*

Este ministério surgiu através da experiência de missionários que vivenciaram nas aldeias a enorme destruição que o álcool esta causando entre os povos indígenas. É um ministério do CONPLEI que está em fase de desenvolvimento, mas já tem mostrado resultados efetivos e a minha participação é com o testemunho pessoal de libertação do álcool.

O curso foi desenvolvido e contextualizado em parceria com a Escola de Medicina da Universidade Mercer, EUA, representado através do Dr. Paul Sealy e a missionária Lenita de Assis da Associação Lingüística Evangélica Missionária no Brasil. Juntos, também, o Instituto Multiethnos, os irmãos Dâw do alto Rio Negro e a equipe de professores e alunos do centro de treinamento Ami.

O curso é constituído por oito passos baseados na metodologia do A.A (Alcoólicos Anônimos), mas com a orientação bíblica e também contextualizada nas realidades Indígenas. Também nos seminários feitos nas aldeias e comunidades são adaptados nas línguas locais.

Temos muitos pedidos, atualmente o álcool e as drogas estão presentes nas aldeias principalmente nas aldeias mais próximas das cidades, mas também tem chegado aos lugares mais distantes. Portanto, se nós como Igrejas não fizer nada ninguém vai fazer. O governo pode fazer um projeto bom, mas não vai adiantar nada porque o problema está na alma e quem cura a alma é só Jesus.

Paralelo ao Festejando a Libertação existe hoje um outro projeto que está sendo desenvolvido em manaus para ser implementado junto ao Semíraita de resgatar os indios drogadictos. O projeto se chama RECOMEÇAR PARA A VIDA – É um projeto de treinamento de lideranças indígenas para prevenção, recuperação e tratamento do índio dogradicto (alcoolismo,

droga e fumo) nas comunidades indígenas desenvolvido pelo Dr. Fernando de Paula Melo e está em fase final com a ajuda dos Ticunas que moram na região. (contato: prfernandao@hotmail.com)

Por favor, estejam orando por estes projetos tão importante que vai tirar os nossos parentes do caminho da destruição e libertá-los destes vícios para que se tornem bons líderes em suas comunidades como sou eu, um salvo em Cristo Jesus festejando a libertação e recomeçando a vida.

Orem por:

1) Recursos para ampliar os seminários no Brasil
2) Treinamento de mais líderes indígenas que foram libertos para alcançar outros

SEMÍRAITA – *Alceris Dias Terena*
CENTRO INTEGRAL DE TREINAMENTO INDÍGENA

Ao longo dos anos, os indígenas viram que das mais variadas necessidades para ajudar seus próprios povos uma era destaque discutido em círculos missionários e acadêmicos: a educação.

Educação tem sido o carro chefe que guia os projetos do CONPLEI, pois entendemos que sem uma instrução adequada nenhuma pessoa, seja ela indígena ou não, teria condições de conviver dentro do seu contexto. Esse foi a preocupação dos missionários no passado e continua ainda neste presente. No entanto, ao longo de todos estes anos, observamos que o aluno indígena simplesmente assimilava o aprendizado sem poder pôr em prática na sua comunidade ou aldeia.

Durante vários anos o CONPLEI sonhou em ter um local onde pudessem ministrar uma educação diferente mas faltou iniciativa dos próprios indígenas pois se pensou que era muito complicado e difícil. Até que em 2008, logo após o congresso nacional do CONPLEI em Itacoatiara, AM, Deus permitiu que fosse lançada a semente; O CONPLEI adquiriu uma propriedade de 114 hectares no município de Iranduba à 30 kilômetros de Manaus e lá se deu início este projeto ousado de uma escola de indígena para indígenas, o PROJETO SEMÍRAITA.

Projeto SEMIRAITA

O que é Semíraita? A palavra em si vem da língua geral (nhengatú) da região da Amazônia que significa "meu povo" baseado no versículo bíblico de II Crônicas 7:14 *(se o **meu povo**, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e sararei a sua terra).*

Este projeto ousado do CONPLEI tem como principal objetivo de se tornar uma escola contextualizada para preparar o índio para enfrentar os dois mundos; a sua e dos "brancos" que a cada dia estão mais pertos de suas comunidades.

A visão da escola é ver os indígenas evangelizando os próprios indígenas. Para que isto aconteça Semíraita terá um currículo contextualizado ao dia a dia indígena. Um currículo de aspecto integral que integre o aluno nas três dimensões de aprendizado pois o indígena não dicotomiza sua sociedade mais ele a vê de uma maneira holística e integral. Por exemplo, o pastor pode ser o cacique que pode trabalhar na roça mas também vê o mundo espiritual como cotidiano. Estes seriam o tripé da filosofia do Semíraita; O ensino Bíblico, acadêmico e profissionalizante.

Os alunos treinados poderão voltar para suas comunidades com ferramentas em diversas áreas para que possam ajudar seus próprios parentes. Um "parente" nosso, o Marcos Terena, disse uma vez – *"posso ser como você sem deixar de ser quem sou"*, isso é muito real hoje e devemos preparar nossos jovens para que sejam líderes que entendam os dois mundos.

Ainda estamos no início de construção e já temos uma oca terminada (em formato circular, pois o indígena não é acostumado com uma sala quadrada e sentado em fileira vendo a nuca do companheiro, ele precisa ver o rosto ficar de frente para conversar). Pensamos em uma estrutura mais contextualizada no momento. Mais para frente estamos com projetos de construir casas para alunos e missionários que gostariam de se juntar a nós. É um ministério das três ondas missionárias juntas. Se estiver interessado favor contatar-nos. Estaremos mais do que felizes de trabalhar juntos.

ESPORTES - *Edson Bakairi*

A importância de atividades esportivas nas aldeias entre os povos Indígenas é muito importante. São espaços que existe e no momento não tem um ministério de evangelismo através de esporte no Brasil entre os Indígenas. Temos muitos povos e se você andar todas elas tem campos de futebol e outro tipo de esporte como natação, ciclismo, atletismo, etc. Isso é conforme a região, e o mais comum e Futebol.

Ainda não temos nenhum projeto esportivo dentro do CONPLEI, mas já tivemos iniciativas como visitar o parque nacional do Xingu em 2009 com uma equipe de 15 pessoas para fazer uma clínica de futebol. Precisamos ter um projeto continuo. Existem muitas barreiras para pregação do Evangelho em áreas restritas, mas se você diz que vai ter um intercâmbio esportivo pode ganhar uma nação, o Índio pode não falar bem o Português, todavia entende e gosta de futebol e Joga muito bem. Junte-se a nós neste projeto!

Pedido de oração:

- Levantar irmãos com esta vocação para trabalhar em parceria com indígenas neste projeto.
- Recursos para executar estes projetos esportivos.
- Treinamento para indígenas na área esportiva para serem multiplicadores nas aldeias.
- Envolvimento da Igreja Brasileira no projeto.

PROGRAMA PAMI – *Paulo Nunes de Carvalho*
Programa de Adoção do Missionário Indígena

O Programa de Adoção Missionária Indígena é um meio, através dos quais: igrejas, empresas, amigos e irmãos podem sustentar missionários indígenas em várias partes do Brasil com suas orações e ofertas.

Ao longo dos anos a obra missionária feita por crentes indígenas tem sofrido muito por falta de apoio em oração, mas também por falta de sustento financeiro. Basicamente esses missionários autóctones além do ministério têm que plantar roças, ou criar outros meios de se manterem no campo missionário e sustentarem suas famílias.

A doação ou envio de uma oferta esporádica feita por uma igreja, irmão, conhecido ou amigo é praticamente o único incentivo do trabalho de evangelização Indígena. E nós do CONPLEI em parceria com você, sua Igreja e organização queremos mudar este quadro. Para que as oportunidades de expandirmos como indígenas a obra de Deus seja mais eficiente. A demanda era além das nossas possibilidades. O crescimento missionário feita por indígenas exige uma ação mais efetiva e permanente quanto ao sustento missionário para que continuássemos a avançar na pregação da palavra de Deus e nos projetos que estão sendo criados e desenvolvidos em várias aldeias ou comunidades indígenas. Percebendo a necessidade de levar as igrejas a um compromisso ainda maior com a obra missionária indígena, o CONPLEI criou o PAMI.

O que acontece quando há uma adoção?
Quando há uma nova adesão ao PAMI, significam que outros campos poderão ser abertos, Igrejas genuinamente indígenas serão plantadas, projetos específicos surgirem, líderes autóctones serão treinados e capacitados e mais missionários indígenas serão enviados. Desta forma o sustentador participa de maneira direta na expansão da obra missionária.

Além disso, quem sustenta sente-se participante do ministério do obreiro, recebendo dele cartas e informações do seu trabalho. O novo adotante escolhe o estado e região do país e até o missionário que deseja adotar. No caso de igreja, ela receberá um certificado de adesão com o nome, o campo e a foto do obreiro. Além disso, a igreja que participa do sustento de missões se fortalece, amplia sua visão missionária e a congregação se entusiasma com os resultados alcançados.

Participe você também do PAMI!

ASSOCIADOS DO CONPLEI - *Joshua Chang*

Para que os não indígenas participem destes projetos o CONPLEI criou um ministério chamado ASSOCIADOS DO CONPLEI. Uma vez que, o movimento CONPLEI da terceira onda missionária é exclusivo para indígenas, isso não significa que os não indígenas não possam participar dos projetos do CONPLEI. Ao longo da existência do CONPLEI muitas pessoas estavam sempre dispostas a apoiar e colaborar nos projetos, mas não podiam tornar-se membros do CONPLEI por não serem indígenas.

Acompanhar o irmão indígena é uma das maneiras de se envolver neste movimento. Ficar juntos até o fim é uma das propostas de ser um associado do CONPLEI. Assim como o apóstolo Paulo diz em 2 Timóteo 4:11(a) – "Somente Lucas está comigo" quando ele estava preso em Roma esperando julgamento, os associados do CONPLEI desejamos ficar , andar, acompanhar o CONPLEI até o fim como Lucas embora não sendo Judeu ficou com um deles. Até que todas as tribos que não ouviram o evangelho possam ouvir. O ***Paulo*** aqui seria o ***Indígena*** e ***Lucas*** os ***ASSOCIADOS do CONPLEI.***

Na prática, ser um ASSOCIADO do CONPLEI é bem simples. Se você gostaria de apoiar os trabalhos indígenas faça parte desta rede (mande um e-mail para associados.conplei@gmail.com) e esteja à disposição para ajudar em qualquer evento. Por exemplo, pode participar dos congressos do CONPLEI, ajudar a organizar um evento de conscientização missionária na sua região reunindo várias igrejas, ou apoiando financeiramente os projetos do CONPLEI. Também pode ajudar um missionário indígena em trânsito pela sua cidade, hospedando, alimentando e apoiando em transporte.

JUNTOS ATÉ O FIM!

OUTROS PROJETOS – *Joshua Chang*

O CONPLEI mantém outros ministérios como sendo braços de extensão. Estes ministérios não estão necessariamente ligados à diretoria em si mas cada um tem sua própria diretoria externa e neles há uma participação ativa da parte dos diretores do CONPLEI sendo eles membros ou conselheiros para orientá-los nas questões indígenas. São os casos de algumas iniciativas como CORAÇÃO DO PAI e ATINI. O CONPLEI está aberto para dialogar com qualquer instituição para formar parte desta equipe de ministérios dentro da visão do CONPLEI.

O Coração do Pai é um orfanato modelo para crianças indígenas. É o primeiro do gênero no Brasil, também é coordenado pelo casal Barry e Vânia junto a uma equipe de indígenas e não indígenas na região de Manaus.

O Coração do Pai surgiu diante da necessidade de salvar as crianças que estão em situação de risco de vida por várias razões dentro de suas comunidades. Muitas crianças indígenas são sacrificadas vivas por terem nascido deficientes, gêmeos ou tri-gêmeo, de mães solteiras, etc. Por isso junto ao CONPLEI nasceu este projeto para trazer esperança à estas crianças "indesejadas" pela própria comunidade e família por acreditarem que elas estarão trazendo maldição para a comunidade e vergonha para a família. Estas crianças rejeitadas têm um lugar no "Coração do Pai", o qual lhe dará todo apoio necessário para que elas possam um dia voltar à suas próprias comunidades e serem exemplos vivos de que há esperança e não maldição, pois o amor de Jesus é mais forte do que qualquer maldição.

Da mesma maneira, o ATINI, que significa "voz pela vida," fundada pelo casal Márcia e Edson Suzuki, veio a existir respondendo à necessidade de salvar as crianças vítimas de infanticídio praticado em mais de 20 tribos dentro do Brasil. O ATINI está localizado nas imediações de Brasília numa

chácara onde hospeda não somente a criança mas toda a família para darem todo apoio necessário. ATINI não é um orfanato, mas sim um lugar de apoio à criança sobrevivente e sua família enquanto o Coração do Pai funciona como um orfanato para abrigar crianças completamente rejeitadas de sua comunidade e família.

V – PARCERIAS - *Joshua Chang*

ASSESSORES DO CONPLEI

Como temos visto nos capítulos anteriores, o CONPLEI tem crescido mediante a grande bênção e graça de Deus derramada em projetos e ministérios. No entanto, nem sempre foi tão bem em anos passados quando ainda no início até mesmo as organizações evangélicas viam neste movimento uma ameaça para o paradigma missionária até então conhecida.

Acredito que foi em 2004, durante o congresso nacional do CONPLEI em Dourados, MS, que grande maioria das agências missionárias e organizações indígenas, como a UNIEDAS, entenderam que esta nova "onda" estaria ocupando um lugar na história de missões no Brasil. O próprio Deus estaria escrevendo através do CONPLEI um novo paradigma de missões para alcançar os povos não alcançados dentro do território Brasileiro. Um desafio foi lançado, uma tarefa foi abraçada, uma visão foi aceita... Da terceira onda missionária!

Desde então, os congressos do CONPLEI não pararam de crescer tanto que após o encontro bianual em Itacoatiara, AM, em 2008 foi decidido que o congresso nacional seria quadrienal, em cada quatro anos, e ficou marcado para 2012, o 7° Congresso Nacional do CONPLEI em Chapada dos Guimarães, MT, nos dia 18 a 22 de Julho.

Vale a pena destacar que o CONPLEI não está sozinho nesta caminhada. Desde o berço, o não indígena estava presente, seja ele um missionário ou pastor ou até mesmo pessoas leigas. No início não havia um nome específico para estas pessoas, mas ao longo dos anos vimos neles como "colaboradores" ou "amigos", mas eram muito mais do que simples colaboradores ou amigos.

Em 2007, depois da consulta de ALTECO, em Orlando, conversamos com Henrique sobre estes assuntos e tivemos uma idéia para este grupo parceiro. Começamos a chamar-lo de projeto Barnabé. Assim como Barnabé foi ao encontro de Saulo e acompanhou ele até que se torne Paulo, estas pessoas que estão acompanhando o movimento do CONPLEI seriam os Barnabés para os indígenas "Saulos" para andarem juntos, ajudando no que for preciso.

Para que o CONPLEI possa enfrentar e entender melhor o mundo dos "brancos" (não indígenas nacionais e estrangeiras) era necessário um apoio sobre assuntos e conhecimento em diversas áreas sendo elas jurídicas, médicas, logísticas, etc. Muitas pessoas se dispuseram a atender o chamado de assessorar nestas áreas. Então forma-se a rede de ASSESSORES do CONPLEI. Temos hoje assessores diretos ligados à diretoria como também assessores indiretos, que colaboram nas mais diversas áreas e atividades; Um verdadeiro trabalho em equipe, cada um colocando à disposição sua expertise para que o CONPLEI possa ir avante com seus projetos e mobilização.

DIVERSOS MINISTÉRIOS EM PARCERIA

Os ministérios em parceria com CONPLEI vêm ganhando força ao longo dos anos. As três ondas missionárias juntas estão envolvidas firmemente para que a tarefa de alcançar todas as tribos seja feita.

Agências missionárias tem se juntado ao CONPLEI através do AMTB (Associação de Missões Transculturais Brasileiras) e outras parcerias se somaram para atender trabalhos específicos. Descreveremos brevemente a seguir alguns dos parceiros, que tem andado com o CONPLEI durante estes anos como AMI (Centro de Treinamento AMI, Chapada dos Guimarães), CBMI (do Projeto Amanajé – Capacitação Bíblica Missionária Indígena), que acontece durante os congressos do CONPLEI e tem sido de

grande ajuda na formação de líderes indígenas que por conta das distâncias, nunca poderiam ter acesso a um treinamento adequado. O Instituto ANTROPOS, PNA100 e SEPAL, que apóiam em diversas formas de pesquisas e até recursos para os trabalhos ligados ao CONPLEI. A MIU (Missão Indígena Uniedas) a qual é a primeira organização inteiramente indígena e que iniciou os trabalhos missionários de indígena para indígena, desde o início da década dos 70. A ORAIN (Organização de Apoio ao Indígena) com recursos na área social e educação. A PIC (Partners International Canada), que vem apoiando os missionários indígenas com o programa PAMI. A SIL (Sociedade Internacional de Lingüística), que acompanha e incentiva a tradução bíblica pelo próprio indígena, A missão ALEM (Associação Lingüística Evangélica Missionária) apoiando os tradutores indígenas oferecendo cursos contextualizados à realidade indígena, o MRI (Mission Resources International) e WA (Wycllife Associates) em parceria no projeto do Semíraita. A CANAAN que colabora em todas as reuniões e conferências do CONPLEI, e muitas igrejas de diferentes denominações trabalhando por um propósito comum. Existem muitos outros que certamente estão trabalhando em parcerias diretas e indiretas e pedimos perdão por não serem mencionados aqui em função de espaço. Se sua organização ou igreja gostaria de ser um parceiro contate-nos e estaremos mais do que alegres em poder juntar forças no avanço do evangelho no Brasil.

Gostaríamos de apresentar um exemplo de parceria que vem funcionado muito bem e descreve a visão das três ondas missionárias trabalhando Juntos. É o caso do Centro de Treinamento AMI em Chapada dos Guimarães, MT.

AMI - *Daniel Snyder*

O Centro de treinamento Ami tem acompanhado o CONPLEI desde os primeiros anos do movimento e continua firme na parceria de acompanhar

e caminhar junto ao indígena na sua preparação de liderança. Antes mesmo de iniciar as aulas em Chapada dos Guimarães, em 1995, a missão SAIM (South America Indian Mission), a qual pertence, já vinha acompanhando muitos dos líderes indígenas frutos de discipulado entre o povo Terena no Mato Grosso do Sul e foi uma das primeiras agências missionárias a trabalhar com povos indígenas no Brasil.

O nome Ami vem do versículo bíblico de 2 Crônicas 7:14 (*se o **meu povo**, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra.)* , **עמי** no hebreu, "meu Povo."

O alvo principal (missão) do Ami é de fazer discípulos de Jesus Cristo, a fim de ter em cada tribo do Brasil uma igreja autônoma e genuinamente indígena. Concentrando a maioria de nossos recursos no discipulado e treinamento de líderes, que por sua vez, repita o processo até crescer e multiplicar igrejas por todo o continente. Acreditamos que, enquanto a liderança bíblica exige conhecimento e habilidades, é em última análise, baseado em caráter. Estamos empenhados em modelos estruturados que transmitiam eficientemente o conhecimento da Bíblia, facilitando as relações mestre-discípulo no contexto de vida e ministério.

O treinamento no AMI consiste em três aspectos sendo eles um tripé da filosofia ministerial contextualizado ao campo indígena: 1) treinamento Bíblico e acadêmico na parte da manhã, 2) treinamento profissionalizante nas tardes fazendo e aprendendo diversos serviços, e 3) viagens de ministério com os alunos. Estas viagens acontecem duas (2) vezes por ano visitando aldeias dos alunos que já se formaram e também novos lugares a fim de ganhar experiência ministerial. Os cursos são dados em português, pois muitos dos alunos que procuram o Ami já falam português. O nível mínimo exigido é de 4a série ou se for já um adulto e não dominar a língua portuguesa temos um programa de supletivo para que possam acompanhar as aulas.

O corpo docente é composto por professores indígenas, brasileiras e estrangeiras representando as três ondas missionárias juntas na mesa do colegiado.

PARTE 2

VI – MOVIMENTOS PARALELOS NO EXTERIOR - *Eli Leão Catachunga Ticuna*

REDE TRANS-AMAZÔNICA DE LÍDERES EVANGÉLICOS INDÍGENAS

"E, se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão;
e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa."
(Eclesiastes 4:12)

A Rede Transamazônica de Líderes Cristãos Indígenas é uma iniciativa dos líderes evangélicos nativos comprometidos com a expansão do Reino de Deus que nasceu como resultado do diálogo e esforço mutua das agências missionárias de evangelização aos povos indígenas, procedentes de igrejas nacionais, Americanas do Norte, Europa e Coréia do Sul.

No ano de 2004, na missão Caiuá na cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, por ocasião da IV Conferência nacional do CONPLEI, o missionário Paul Johnson observou a maneira como os líderes indígenas brasileiros interagiam sem dificuldade com missionários nacionais e estrangeiros. Esta "nova" descoberta despertou o interesse em convidar o Pr. Henrique Terena e Pr. Eli Tikuna a participar em uma das reuniões que teriam nos Estados Unidos em Abril de 2005. Na ocasião somente o Pr. Henrique pôde participar mas foi ali que começou uma nova era missionária aos países da bacia amazônica. Em uma das plenárias o Pr. Henrique deu uma palavra que gerou um certo desconforto mas atingiu o âmago do problema que desde anos atrás Paul e muitos outros haviam sentido. Como resultado destas reuniões uma organização foi criada de nome ALTECO (sigla em inglês Amazon and Lowland Tribal Empowerment Coalition que significa Aliança para Empoderamento das Tribos da Bacia Amazônica).

Paul, em visita a diversos povos da amazônia percebeu que nas igrejas plantadas há deficiência no crescimento da igreja em conseqüência do despreparo dos líderes nativos. Observou ainda um nível bastante elevado de dependência não saudável dos nativos com relação aos missionários estrangeiros considerando-se uma sociedade inferior com sérias dificuldades de vencer. Os problemas observados nas igrejas indígenas levou-o a repensar o passado, método de evangelização aos nativos a fim de corrigir os erros cometidos.

Em toda a amazônia há mais 400 nações indígenas, 200 delas são considerados povos alcançados pelo Evangelho de Cristo e 200 são grupos que ainda permanecem sem nenhum contato com o Evangelho.

Países como Bolívia, Peru, Brasil, Venezuela, Equador, Colômbia, Paraguai e as Guianas tem em seu território parte da Amazônia e a atual política indigenista na maioria dos países mencionados são voltados para a proteção, o paternalismo e Isolacionismo, que em nome ao respeito à diversidade e preservação cultural é introduzida e imposta de forma radical.

O Evangelho é tido como a religião do "branco" e considerado como o responsável pela perda da cultura dos povos nativos, nas áreas indígenas, em especial a dos povos isolados. Em alguns governos como no Brasil e Bolívia criaram-se medidas que impedem o ingresso de missionários evangélicos.

A idéia de ver uma rede de líderes indígenas cristãos na Amazônia era um sonho de muitos anos. Como resultado das consultas realizado nos Estados Unidos pela ALTECO e participação ativa de líderes indígenas do Brasil e Peru, surgiu a idéia de realizar a primeira consulta de líderes cristãos nativos dos países da América do Sul, principalmente daqueles que possuem a selva amazônica em seu território nacional.

A primeira consulta foi realizada na cidade de Iquitos no Peru nos dia 19 a 23 de Setembro de 2007 com a participação de indígenas, lideres chaves dos países do Brasil, Paraguai, Colômbia, Peru, Bolívia e Equador. O responsável pelo evento foi um comitê organizador, integrado por líderes indígenas do Peru e Brasil, com o apoio logístico e financeiro da ALTECO.

O objetivo da consulta foi avaliar as iniciativas do passado e pensar num plano para o futuro dos povos indígenas assim como coordenar os esforços, incluindo os não indígenas no processo de "empoderar" e acompanhar os povos indígenas nos próximos anos.

Em resposta à necessidade de cooperar para o bem da igreja indígena os nativos dos países amazônicos manifestaram a importância de ter em cada país uma rede nacional.

Na consulta em Iquitos se formou um comitê de trabalho de caráter provisório que seria o responsável por motivar e facilitar a criação das redes nacionais. Hoje o comitê é formado por integrantes indígenas e não indígenas; pr. Eli Tikuna, pr. Henrique Terena, pr. Rafael Ahuanari, pr. Samuel Ramirez, missionário Clever Mashiant, missionário Pablo Chuvé, missionário Salomón Puinave e os assessores; pr. Elmer Terrazas, Paul Johnson, missionária Irma Espinosa e pr. Josué Chang. Também faz parte da rede um grupo de assessores de vários países.

Com a assessoria do CONPLEI, a primeira rede nacional que se formou foi a de Bolívia, em 2008, denominada como FRALIC (Fraternidad Amazónica de Líderes Indígenas Cristianos), no Equador foi criado o CLICPAE (Corporacion de Líderes Indígenas Cristianos y Pastores de la Amazonia Ecuatoriana), no Peru a RELENAP (Red de Líderes Evangélicos Nativos de la amazonia Peruana), Também no Paraguai foi formada uma rede nacional e está em fase de estruturamento, a última neste ano na Colômbia. Ainda faltam Venezuela e as Guianas.

VISÃO:

"UNIR AS NAÇÕES INDÍGENAS DA REGIÃO AMAZÔNICA CONSIDERANDO SUA REALIDADE CULTURAL, GLORIFICANDO A DEUS, CUMPRINDO COM A GRANDE COMISSÃO, FACILITANDO O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL E VALORIZANDO SUA IDENTIDADE"

OBJETIVOS:

1) Promover a unidade indígena cristã entre os países da região amazônica
2) Facilitar a capacitação integral dos líderes indígenas
3) Promover a existência de uma igreja genuinamente indígena, com um evangelho contextualizado.
4) Oferecer um discipulado eficaz para fortalecer à igreja indígena.
5) Promover o intercâmbio e cooperação entre a igreja indígena, nacional e estrangeira.
6) Abrir a porta para uma comunicação de intercâmbio entre os líderes indígenas e não-indígenas.
7) Abrir as portas a outras organizações que se identifiquem com nossa visão, que queiram cooperar como parceiros com a red.
8) Facilitar o desenvolvimento integral nas nações indígenas da Região Amazônica.
9) Promover, o resgate e a preservação dos valores de sua identidade cultural segundo os princípios bíblicos.

10) Fortalecer o esforço missionário indígena para alcançar as nações da região amazônica e do mundo.
11) Facilitar a busca de ajuda humanitária em caso de desastres naturais.
12) Facilitar em forma internacional a defesa dos Direitos Humanos a favor das nações indígenas da Região Amazônica, quando estejam ameaçados.
13) Submeter a Deus e a sua vontade todas as atividades e esforços da rede.

VII – ANEXOS

ESTATÍSTICA DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL *(DAI-AMTB)*

Ronaldo Lidório

30 DIAS DE ORAÇÃO PELOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL *(DAI-AMTB)*

Ronaldo Lidório

UMA HISTÓRIA DOS 100 ANOS

Ricardo Torres Poquiviqui

MAPA INDÍGENAS DA AMAZÔNIA – ALTECO



ETNIAS INDÍGENAS BRASILEIRAS
RELATÓRIO 2010

Organizador: Ronaldo Lidório

O universo indígena brasileiro, diversificado e multicultural, tem sido constante alvo de dimensionamento estatístico e sociocultural. Neste documento apresentarei o relatório da Coordenação de Pesquisa do Departamento de Assuntos Indígenas (DAI) da Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB), que possui 41 agências missionárias filiadas as quais abrigam missionários vinculados a mais de 120 diferentes denominações evangélicas.

O presente relatório é fruto da análise do Banco de Dados do DAI e conclusões no que se refere às tendências demográficas, composição étnica e iniciativas evangélicas entre os povos indígenas em diversas áreas. Observaremos as 37 etnias indígenas vivendo em risco de extinção, as 41 emergentes e o processo de urbanização em 111 diferentes grupos. Veremos as 121 etnias pouco ou não evangelizadas, as 95 sem presença missionária e as 38 línguas com clara necessidade de tradução bíblica ou projeto especial de oralidade. Seremos também informados sobre os 257

programas e projetos sociais coordenados pela força missionaria evangélica junto aos povos indígenas e sua expressiva relevância.

A Coordenação de Pesquisa concluiu em 2010 uma ampla pesquisa e revisão de dados juntamente com seus parceiros: Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI), ETHNOLOGUE/SIL, PNA100, SEPAL, Instituto Antropos, diversos pesquisadores de campo e colaboradores de análise. As pesquisas étnicas têm caminhado de forma frutífera no movimento missionário evangélico brasileiro. Carl Harrison, Rinaldo de Mattos, Isaac Souza, Ana Bacon, Osvaldo Álvares, Ted Limpic, Enoque Faria e Paulo Bottrel, entre outros, desenvolveram com competência ao longo dos anos esta pesquisa, organização e análise de dados, cujo resultado é o Banco de Dados do Departamento de Assuntos Indígenas da AMTB.

Nesta presente revisão (DAI/AMTB 2010) foram feitas 27 pesquisas de campo, 76 entrevistas, consultados os bancos de dados do IBGE, FUNASA e FUNAI, entre outros, com um total de 4.200 dados avaliados. Um grupo de trabalho foi formado para a revisão do Banco de Dados: Edson Bakairi, Stan Anonby, Wilsamara Filgueiras, Andreas Fuchs, Richard Eger e Ronaldo Lidório . Vários irmãos colaboraram de maneira preciosa ao longo da revisão, aos quais somos imensamente gratos. Agradecemos de forma especial também a Elisabete Wiens, Cassiano Luz, Adriano Hedler, David Philips, Marcelo Carvalho e Gedeon Lidório que investiram tempo e esforço nesta tarefa. Os diretores do DAI/AMTB, Rocindes Correia e Edward Luz, coordenaram o andamento do trabalho e o processo de conclusão das análises.

Os resultados apresentam um quadro eclético, que envolve crescente migração urbana, uma explosão de indivíduos que passam a se autodeclarar indígenas nos últimos 15 anos, acelerada perda da língua materna nas etnias periféricas às áreas urbanas e intensificação dos

problemas de saúde, educação e subsistência nos ambientes de aldeamento.

O demonstrativo estatístico quanto à presença evangélica e missionária também nos apresenta dados que informam e nos fazem refletir. A Igreja indígena está em franco crescimento, e isto se dá a partir das relações inter-tribais locais, atuação missionária com ênfase no discipulado e treinamento indígena e três fortes movimentos indígenas nacionais. A presença missionária coordena mais de duas centenas de programas e projetos sociais de relevância que minimizam o sofrimento em áreas críticas, sobretudo em educação e saúde, e valorizam a sociedade indígena local. O registro linguístico, associado a produção de material para letramento, é outro vigoroso fruto das iniciativas missionárias que se envolvem, especialmente, com grupos à margem do cuidado e interesse da sociedade.

A seguir serão apresentados os dados e algumas implicações associadas aos mesmos. Na segunda parte deste relatório será fornecido o demonstrativo estatístico com um resumo dos dados e visualização de gráficos.

TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS

O crescimento da população geral dos povos indígenas no Brasil é muito significativo. Em 1991 a população indígena oficial do Brasil era formada por 294.000 indivíduos. A partir do ano 2000, porém, o IBGE passa a registrar aumentos de até 150% de indivíduos que se autodeclaram indígenas, principalmente nas áreas urbanas ou em urbanização. 734.000 pessoas se declararam indígenas na pesquisa do IBGE do ano 2.000 perfazendo um total de quase 900.000 em 2010. Há diversos motivos para tal crescimento estatístico. Observa-se que tal fenômeno de autodeclaração em grande escala ocorreu principalmente nas regiões

urbanas e em urbanização do Nordeste e Sudeste. Os motivos são os mais diversos, mas avaliamos que três sejam principais: reavivamento cultural , movimentação política ou busca pelos incentivos governamentais.

A Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, apresentou relatórios recentes onde 520.000 indigenas estão sendo atualmente atendidos em 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI's) vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS). 54.2% dessa população localiza-se na Amazônia legal e 26% em estados da Região Nordeste.

O DAI/AMTB, analisando as etnias conhecidas e em estudo, reconhece a população de 616.000 indígenas em 2010. Dentre estes, 52% habitam em aldeamentos e 48% em regiões urbanizadas ou em urbanização. Cerca de 60% da população indígena brasileira habita a Amazônia Legal, composta pelos estados do Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e parte do Maranhão. A partir das leituras de movimentos demográficos, porém, em 5 anos haverá igualdade entre aqueles que habitam as aldeias e os que habitam as pequenas e grandes cidades. A partir de 2015 a quantidade de indígenas habitando centros urbanos será certamente maior, e em gradual aumento.

Há uma marcante presença de etnias minoritárias no quadro geral. 35 etnias são formadas por até 100 pessoas; 85 entre 101 e 500 pessoas; 31 entre 501 e 1.000 pessoas; 56 entre 1.001 e 5.000 pessoas; 10 entre 5.001 e 10.000 pessoas; 7 entre 10.001 e 20.000; e 4 formadas por população acima de 20.000 pessoas. 76 etnias não possuem situação populacional determinada e 36 partilham sua população com países limítrofes.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) há 611 Terras Indígenas (TIs) reconhecidas ou em fase de reconhecimento que correspondem a 13% das terras do país, sendo 21% da Amazônia legal.

COMPOSIÇÃO ÉTNICA

A percepção do dimensionamento étnico passa por diversos filtros que nublam uma estatística mais segura. Um destes filtros é a existência dos grupos ainda isolados, ou seja, etnias que habitam em áreas remotas e que possuem pouco ou nenhum contato com os demais segmentos indígenas ou não indígenas. Há 37 grupos listados nesta categoria, mas eles podem chegar a 52.

Há também várias etnias tratadas de forma unitária, que de fato são grupos com distintas identidades socioculturais e lingüísticas. Um exemplo seriam os Yanomami, frequentemente listados como um grupo indígena, mas que compõem diversas etnias distintas. O mesmo ocorre com os chamados "Maku", um termo genérico e pejorativo, utilizado para se referir a pelo menos 5 diferentes etnias.

Por fim, há também os grupos ressurgidos (ou emergentes) que, pela miscigenação com não-indígenas (e outros fatores de dispersão), perderam por algum tempo sua auto-identificação étnica. Por diversos motivos vários voltaram a solicitar seu reconhecimento como povos indígenas e formam 41 etnias em todo o território nacional. Se incluirmos nesta categoria aqueles que, mesmo não tendo perdido a sua auto-identificação por um período, experimentaram um intenso e crescente envolvimento com a sociedade externa (também chamados de "aculturados" em alguns meios) teremos o total de 94 grupos.

Desta forma, entre as etnias conhecidas (228), as isoladas (27), as parcialmente isoladas (10), as possivelmente extintas (9), as ressurgidas (41) e as ainda a pesquisar (25), reconhecemos um quadro formado por 340 grupos.

É importante destacar que 37 destas etnias vivem com risco de extinção, levando em consideração sua população (inferior a 35 pessoas), elementos socioambientais desfavoráveis, limitado acesso a assistência de

saúde, conflitos e dispersão, que são os 5 principais fatores no processo de extinção de um grupo.

Um dado relevante refere-se ao crescente processo de urbanização. 111 etnias possuem representação em pequenas e grandes cidades, e declaram que os elementos de atração são (1) busca por educação formal em Português; (2) proximidade de uma melhor assistência à saúde; (3) acesso a produtos assimilados (especialmente roupas, alimentos, entretenimento e álcool); e (4) expectativa de melhor subsistência. Os dados quanto ao processo de urbanização e suas implicações socioculturais, sociolinguísticas e familiares ainda são inconclusivos, porém, apontam, em grande parte, para um cenário por demais preocupante, formado por sérias deficiências de inclusão social; empobrecimento da dieta alimentar e dificuldade de acesso às iniciativas de assistência pública.

INICIATIVAS EVANGÉLICAS

A Igreja Indígena está presente, em diferentes níveis de representação, em 150 etnias, possuindo igreja local com liderança própria em 51 e sem liderança própria em 99.

Há presença missionária evangélica em 182 etnias indígenas. Esta presença representa mais de 30 Agências Missionárias Evangélicas e quase 100 diferentes Denominações.

Em 165 destas etnias há programas e projetos sociais coordenados por missionários evangélicos. Destas, 92 possuem um programa social ativo, 54 possuem dois programas sociais ativos, e 19 possuem 3 ou mais programas perfazendo 257 programas e projetos com ênfase nas áreas de educação (análise linguística, registro, letramento, publicações locais e tradução), saúde (assistência básica, primeiros socorros e clínicas médicas), subsistência e sociocultural (valorização cultural, promoção da

cidadania, mercado justo e inclusão social). Apenas 17 etnias com presença missionária evangélica não possuem um programa social ativo. Mais de 90% de todos os programas e projetos são subsidiados por igrejas, empresas e representantes evangélicos do Brasil. Estes números demonstram que a presença missionária evangélica está, histórica e tradicionalmente, sempre associada a iniciativas sociais e culturais, especialmente àquelas com forte valor para o povo local.

Dentre as 182 etnias com presença missionária evangélica, 132 possuem indígenas evangélicos e 50 não possuem. Há 16 seminários e cursos bíblicos no Brasil com ênfase no preparo indígena e 3 movimentos nacionais de iniciativa e coordenação indígena evangélica: o Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI); a Associação de Mulheres Evangélicas Indígenas (AMEI) e a Associação Indígena de Tradudores Evangélicos (AITE).

Um outro movimento nacional com ênfase nos direitos humanos e especial combate ao infanticídio foi iniciado pela ATINI – VOZ PELA VIDA, e aglutinou nos últimos anos apoio e participação de todos os segmentos evangélicos despertando o debate, expondo fatos contundentes e resultando em ações de valorização à vida e apoio a crianças em risco de infanticídio.

Há 121 etnias pouco ou não evangelizadas, ou seja, aquelas em que não há presença missionária evangélica nem mesmo presença da igreja indígena. Outros fatores como acesso a outras etnias evangelizadas e dispersão demográfica também foram considerados nesta categoria. Destas 121 etnias pouco ou não evangelizadas, 74 habitam áreas viáveis. O restante se divide entre áreas parcialmente restritas (13) ou restritas (34).

Não há presença missionária em 95 etnias conhecidas, 27 etnias isoladas e 25 a pesquisar, totalizando 147 etnias sem presença missionária.

Dentre as 150 etnias com presença evangélica indígena, 99 não possuem liderança própria e 54 não dispõe de acesso a nenhum programa de ensino bíblico, o que demonstra que a Igreja indígena está em franco crescimento, porém não há proporcional desenvolvimento do ensino e treinamento, o que pode gerar graves problemas como sincretismo e nominalismo.

ANÁLISE LINGUÍSTICA E TRADUÇÃO DA BÍBLIA

Consideramos a existência de 181 línguas indígenas no Brasil, apesar das diferentes discussões e estudos ainda inconclusivos sobre várias delas.

Em 54 línguas há programas de análise linguística e letramento em andamento, sob iniciativa evangélica. Em 31 destas línguas há também programas de tradução bíblica em andamento. No momento contamos com 58 línguas que possuem porções bíblicas, o Novo Testamento ou a Bíblia completa em seu próprio idioma, material este que serve a 66 etnias.

Em 3 línguas há a Bíblia completa (que serve a 7 etnias); em 32 há o Novo Testamento completo (que serve a 36 etnias) e em 23 há porções bíblicas, que servem ao mesmo número de etnias.

Há 10 línguas com clara necessidade de tradução bíblica, 28 com necessidade de um projeto especial de tradução com base na oralidade e 31 com situação ainda indefinida, a avaliar. Estas 31 línguas a avaliar são faladas por 59 etnias. Tanto as línguas com necessidade de projetos de tradução quanto aquelas com necessidade de um projeto especial de oralidade possuem pouquíssima possibilidade de compreensão do Evangelho em alguma outra língua, por outros meios de comunicação ou outros grupos próximos.

Há cerca de 132 etnias indígenas que falam o Português. 66 destas etnias falam somente o Português e 66 são bilíngues ou trilíngues com o

Português. 48 destas 132 etnias manifestam a necessidade de uma nova versão da Bíblia em Português, que facilite o seu entendimento. Este assunto estará sendo alvo de maiores pesquisas e se avalia a possibilidade de desenvolvimento de um material oral para esta finalidade.

Segundo Moore, dentre as línguas vivas indígenas brasileiras 13% possui descrição completa, 38% possui descrição avançada, 29% possui descrição incipiente e 19% possui pouca ou nenhuma descrição. 1% em situação indefinida.

O pesquisador alemão Michael Kraus afirma que 27% das línguas sul-americanas não são mais aprendidas pelas crianças. Isso significa que um número cada vez maior de crianças indígenas perde o poder de comunicação em uma língua indígena a cada dia. As razões vão desde a imposição socioeconômica nas etnias mais próximas dos vilarejos e povoados até a falta de valorização sociocultural do grupo, o que fortalece os fatores de atração em direção à sociedade envolvente.

Estima-se que, na época da conquista pelos portugueses, eram faladas 1.273 línguas. Ou seja, perdemos 85% de nossa diversidade lingüística em 500 anos. Estudiosos afirmam que há uma crise sociolingüística no estado de Rondônia, onde 65% das línguas estão seriamente em perigo por não serem mais usadas pelas crianças e por terem pequeno número de falantes.

A perda lingüística está associada a perdas culturais irreparáveis, como a transmissão do conhecimento, formas artísticas, tradições orais, perspectivas ontológicas e cosmológicas.

A presença de linguístas, educadores e tradutores missionários, através de iniciativas ligadas a AITE (Associação Indígena de Tradutores Evangélicos), ALEM (Associação Lingüística Evangélica Missionária), AMEM (A Missão de Evangelização Mundial), Amanajé, APMT (Agência Presbiteriana de Missões Transculturais), ATE (Associação Transcultrural

Evangélica), JAMI (Junta Administrativa de Missões) da Convenção Batista Nacional, JOCUM (Jovens com Uma Missão), JMN (Junta de Missões Nacionais) da Convenção Batista Brasileira, MEIB (Missão Evangélica aos Índios do Brasil), MICEB (Missão Cristã Evangélica do Brasil), Missão Evangélica Caiuá, Missão Indígena UNIEDAS, MEVA (Missão Evangélica da Amazônia), MNTB (Missão Novas Tribos do Brasil), SIL (Sociedade Internacional de Lingüística), entre várias outras, catalogando, analisando e produzindo material de letramento nas línguas indígenas, colabora para a valorização lingüística, social e cultural da população indígena como um todo.

Assim, entende-se que o evangelho não apenas responde aos questionamentos da alma humana, como também contribui para a sobrevivência individual, social, cultural e lingüística dos povos indígenas no Brasil.

DESAFIOS REPRESENTADOS

Perante tal quadro vários desafios se aprensentam, e destacarei os que estão ligados à (1) pesquisa e avaliação, (2) evangelização e discipulado, (3) tradução e uso das Escrituras bíblicas, (4) treinamento indígena, (5) necessidade de novos missionários, (6) necessidade de apoio aos projetos já em andamento e (7) apoio especializado .

De pesquisa e avaliação

O objetivo é dimensionar a realidade étnica, linguística e sociocultural e colaborar na elaboração de novas iniciativas de relevância junto aos povos indígenas do Brasil.

As 42 etnias remotas e as 37 etnias com risco ou já em processo de extinção demandam atenção.

As 121 etnias pouco ou não evangelizadas demandam pesquisa para avaliação de estratégias adequadas de cooperação e interação com tais povos.

Ampla pesquisa necessita também ser realizada entre as 111 etnias em processo de urbanização, os fatores de atração e as implicações para tais grupos.

As 59 etnias que falam línguas ainda a serem avaliadas demandam pesquisa sociolinguística.

É necessário também avaliar a demanda de 48 etnias que são monolíngues, bilíngues ou trilíngues do Português e expressam a necessidade de uma versão mais compreensível da Bíblia no próprio Português.

De evangelização e discipulado

Das 121 etnias pouco ou não evangelizadas, 79 habitam áreas chamadas viáveis, ou seja, em que é possível uma interação com os povos indígenas sem maiores barreiras. Outras 47 habitam áreas restritas ou parcialmente restritas. Chama a nossa atenção o alto número de etnias sem conhecimento do evangelho em áreas relativamente abertas e sem iniciativas evangélicas e missionárias.

Há ainda 95 etnias indígenas conhecidas sem presença missionária, o que manifesta que a grande necessidade dos movimentos missionários ainda são os recursos humanos. Pensando que mais de 40% das ações missionárias em andamento demandam com urgência mais pessoas para assegurar o seu prosseguimento, e que 95 etnias permanecem sem presença missionária, podemos estimar a necessidade de no mínimo 357 novos misssionários para reforçar o trabalho existente e iniciar os novos. Levando em consideração as ações especializadas bem como o trabalho

administrativo, logístico e pastoral que tanto precedem quanto acompanham tais iniciativas, asseguradamente seriam necessários um total de 500 novos missionários para fazer frente ao presente desafio total. Isto não será possível sem (1) a mobilização da Igreja brasileira no recrutamento e envio, (2) o apoio às organizações missionárias, (3) o apoio às instituições de ensino e preparo missionário, teológico, missiológico, antropológico e linguístico, e (4) muita oração.

As 37 etnias com confirmado ou possível risco de extinção bem como as 111 em processo de urbanização formam dois grupos com movimentos demográficos distintos, mas igualmente carentes de evangelização e discipulado.

De tradução e uso das Escrituras

O desafio nesta área se faz presente tanto nas 10 línguas com carência confirmada de tradução bíblica, nas 28 com necessidade de um projeto especial de oralidade, como também nas 54 que possuem projetos linguísticos e de tradução em andamento. É imperativo apoiarmos aqueles que já estão no caminho, com longo trabalho já realizado, e não somente investirmos em novas iniciativas.

Há também um desafio apresentado em muitas etnias que já possuem a Bíblia, ou porções bíblicas, em sua língua materna, e se refere ao uso das Escrituras. Há 17 etnias com acesso à Bíblia (seja porção, Novo Testamento ou Velho Testamento) na língua materna, mas sem indígenas evangélicos entre eles. Ou seja, a Bíblia está presente, mas não está sendo usada. Há ainda outras 25 etnias com o mesmo acesso à Bíblia, e com existência da igreja indígena local, mas sem liderança própria.

Vemos, portanto, que nesta área precisamos olhar para os que já estão caminhando, para que não parem ao longo do caminho; para os que irão iniciar a caminhada com novos desafios, e para aqueles cujo trabalho de tradução já foi concluído, mas o uso das Escrituras necessita ser

reavivado. Precisamos de educadores e mestres na mesma proporção que linguistas e tradutores.

De treinamento indígena

As 99 etnias com igreja evangélica, mas sem liderança própria, representam a extensão do desafio de treinamento em nossos dias. Junta-se a isto o fato de que 67 destas etnias possuem pouco acesso a cursos bíblicos, e 54 não possuem nenhum acesso.

A Igreja Indígena vive um momento de crescente interesse na capacitação bíblica e em outras diversas áreas, porém sofre com a ausência de treinamento perante a demanda e necessidade. É necessário observarmos para onde o vento sopra e nos juntarmos a este movimento. Entre os anos de 2006 e 2007 há registro de 1.690 indígenas que participaram de encontros e congressos do CONPLEI ou apoiados pelo CONPLEI. Em 2008 e 2009 este número subiu para 2.350, demonstrando o grande interesse pela comunhão inter-étnica, treinamento e capacitação.

Há, portanto, necessidade de fortalecer os seminários e cursos já implementados para o treinamento indígena, investir em novas iniciativas como a Capacitação Bíblica Missionária Indígena (CBMI) e também encorajar os movimentos de treinamento de própria iniciativa indígena, como o CONPLEI.

Uma das conclusões estratégicas mais claras e urgentes nestes últimos anos é esta: é necessário investir de forma intencional e abundante no treinamento dos líderes indígenas evangélicos.

De novos missionários e iniciativas

Como foi mencionado há grande necessidade de no mínimo 500 novos missionários nos próximos anos para fazer frente às demandas e oportunidades. É de senso comum que eles (1) tenham compromisso com

Cristo e a obra missionária entre os povos indígenas; (2) estejam desejosos de se envolverem com desafios e programas de médio e longo prazo; (3) sejam aptos ao aprendizado de uma nova língua e cultura; (4) tenham forte desejo de se envolverem com o universo indígena de forma integral; (5) sejam aprovados segundo a Palavra de Deus (1 Timóteo 3).

Há necessidade de novos missionários tanto para a condução de projetos mais antigos, em andamento, como em novas iniciativas. Em ambas as situações as principais atividades são: (1) Evangelização e plantio de igrejas; (2) Discipulado e treinamento de líderes indígenas; (3) Desenvolvimento de ações sociais relevantes; (4) Tradução bíblica e projetos especiais de oralidade; (5) Apoio especializado: logística, transporte e comunicação; missiologia, linguística e antropologia; (6) Pesquisa e desenvolvimento de estratégias.

De apoio a projetos em andamento

É necessário atenção às atividades missionárias em andamento, especialmente aquelas que estão em fase de consolidação ou conclusão (mais de 10 anos). Pela índole da Igreja Evangélica Brasileira, e seu afã por novas iniciativas, não raramente deixamos para trás preciosas sementes que foram lançadas na terra há uma ou mais décadas e que precisam de maior atenção e apoio. Refiro-me, portanto, à presença missionária em 182 etnias, aos 257 programas sociais em atividade, aos projetos de linguística e tradução em 54 línguas, aos três grandes movimentos evangélicos indígenas e aos 16 seminários e cursos com ênfase no treinamento indígena. Há clara necessidade de apoio para a consolidação e continuidade de tais atividades.

De apoio especializado

Em diversas atividades missionárias há necessidade de apoio técnico especializado, essencial para a qualidade da produção. Podemos citar áreas como a linguística, antropologia, missiologia, pesquisa,

desenvolvimento comunitário, ações sociais, consultoria jurídica, transporte, comunicação e logística. Sem um adequado fortalecimento no apoio especializado as ações missionárias entre os povos indígenas perderão força, qualidade e oportunidade.

Podemos observar instituições e iniciativas como Asas do Socorro e sua atuação no apoio logístico, transporte, comunicação e ações sociais. Tais iniciativas, especializadas, multiplicam as ações missionárias, melhoram a qualidade do serviço e são parte fundamental para o trabalho realizado.

CONCLUSÃO

O sincero desejo de se relacionar de forma relevante com os povos indígenas não é suficiente para assegurar posturas, abordagens e iniciativas acertadas. Faz-se necessário um relacionamento dialógico, constante auto-avaliação e discernimento.

A AMTB, em seu código de valores, expresso na introdução do livro A Questão Indígena, Editora Ultimato, afirma que o movimento missionário evangélico possui alvos de forte colaboração com a preservação cultural, social e lingüística das sociedades indígenas de nosso país, tais como:

- *Contribuir para que o indígena valorize e permaneça em sua própria terra natal (sua 'homeland') evitando migrações tempestivas e com conseqüência social negativa para as beiras dos grandes rios, centros em urbanização ou urbanizados.*

- *Colaborar para que haja um bom programa de educação na própria língua materna, valorizando-a e possibilitando que seus fatos históricos e sociais sejam por eles registrados, preservados e transmitidos perante este contexto de rápida influência social*

externa que não raramente invalida o valor da língua materna para um grupo.

– *Colaborar para que haja programas em áreas vitais, como a saúde, que responda às necessidades essenciais dos grupos indígenas.*

– *Contribuir para que, em processos já em andamento de integração com a sociedade não indígena, se colabore com os mecanismos de valorização étnica, cultural e lingüística, a fim de que o grupo não seja diluído perante a sociedade maior. Também colaborar com o grupo em sua busca por uma convivência digna com outros, quando fora da sua terra natal.*

Mais adiante expõe sua crença no evangelho que liberta e, como tal, seu desejo de partilhá-lo com todos os povos. Para tal, distingue a evangelização da catequese dizendo: *Esta evangelização difere-se da catequese em relação ao conteúdo, abordagem e comunicação. O conteúdo da catequese é a Igreja, com seus símbolos, estrutura e práticas, sua eclesiologia. O conteúdo da evangelização é o evangelho, os valores cristãos centrados em Jesus Cristo. A abordagem da catequese é impositiva e coercitiva. A abordagem da evangelização é dialógica e expositiva. A catequese se comunica a partir dos códigos do transmissor, sua língua e seus costumes, importando e enraizando valores. A evangelização se dá com a utilização dos códigos do receptor, sua língua, cultura e ambiente, respeitando os valores locais e contextualizando a mensagem.*

Cremos, portanto, que a experiência transformadora de João Batista é plano de Deus para todo o mundo: "*No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*". (Jo 1: 29)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

IBGE, 2005. Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE.

FUNASA, 2009. Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena – Siasi – Demografia dos Povos Indígenas. Quantitativos de pessoas. Consulta online: www.funasa.gov.br

KRAUSS, M. The world's languages in crisis. Language, n. 68, 1992.

LEWIS, Paul, editor. Ethnologue: Languages of the World. 16th edition. Dallas, Tex.: SIL International. Online version: www.ethnologue.com

MOORE, D. Brazil: Language Situation. In: BROWN, K. (org. geral). Encyclopedia of language and linguistics. Oxford: Elsevier, 2006.

PAGLIARO, Heloísa (org.), Demografia dos Povos Indígenas no Brasil, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz e Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2005.

RICARDO, C. A. & Ricardo, Fany. Povos indígenas no Brasil 2000/2006. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

SILVA, Cácio. Tradução da Bíblia para línguas indígenas do Brasil: Realizações, desafios e possibilidades. Revista Povos, ano 1, n.2. Rio de Janeiro: Betesda, 2006.

SOUZA, Isaac Costa de & Lidório, Ronaldo (Org). A questão indígena: Uma luta desigual. Viçosa: Ultimato, 2008



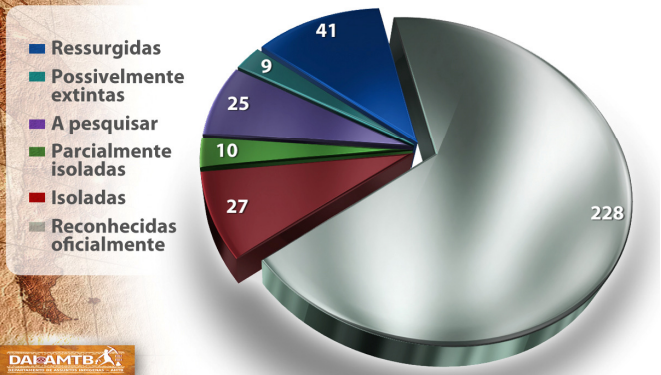
ETNIAS INDÍGENAS BRASILEIRAS
DEMONSTRATIVO ESTATÍSTICO 2010

Ronaldo Lidório

Departamento de Assuntos Indígenas da AMTB
Coordenação de Pesquisa – A/C Ronaldo Lidório
Caixa Postal 4237 - Manaus-AM - 69053-971
Email: indigena@amtb.org.br Site: www.indigena.org.br

DEMONSTRATIVO ÉTNICO

EXISTEM 340 ETNIAS INDÍGENAS NO NOSSO PAÍS



DEMONSTRATIVO ÉTNICO

EXISTEM HOJE 111 ETNIAS URBANIZADAS OU EM PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

PRINCIPAIS FATORES:

- Busca por educação formal em português
- Proximidade a uma melhor assistência de saúde
- Acesso a produtos assimilados
  (especialmente roupas, alimentos, material de caça e pesca, entretenimento e álcool)
- Busca por melhor subsistência


DEMONSTRATIVO DE
REPRESENTATIVIDADE EVANGÉLICA
HÁ150 ETNIAS COM PRESENÇA DA IGREJA INDÍGENA
Com igreja e liderança local
Com igreja, mas sem liderança local:
51
99
DAE AMTB

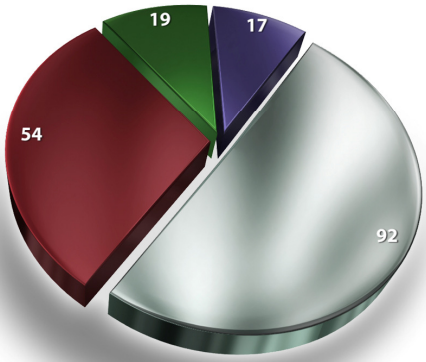

DEMONSTRATIVO DE
REPRESENTATIVIDADE EVANGÉLICA
SÃO182 ETNIAS COM PRESENÇA MISSIONÁRIA EVANGÉLICA
Sem representantes evangélicos indígenas
Com representantes evangélicos indígenas
132
50
DAE AMTB

DEMONSTRATIVO DE REPRESENTATIVIDADE EVANGÉLICA

SÃO 182 ETNIAS COM PRESENÇA MISSIONÁRIA EVANGÉLICA

Há no total 257 programas sociais entre indígenas coordenados por missionários evangélicos

- Com um programa social ativo
- Com dois programas sociais ativos
- Com três ou mais programas sociais ativos
- Sem programas sociais ativos:



DAE AMTB

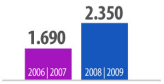
DEMONSTRATIVO DE REPRESENTATIVIDADE EVANGÉLICA

16 SEMINÁRIOS E CURSOS COM ÊNFASE NO PREPARO INDÍGENA

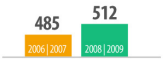
3 MOVIMENTOS NACIONAIS EVANGÉLICOS INDÍGENAS

- CONPLEI (CONSELHO NACIONAL DE PASTORES E LÍDERES EVANGÉLICOS INDÍGENAS)
- AMEI (ASSOCIAÇÃO DE MULHERES EVANGÉLICAS INDÍGENAS)
- AITE (ASSOCIAÇÃO INDÍGENA DE TRADUDORES EVANGÉLICOS)

INDÍGENAS EVANGÉLICOS QUE PARTICIPARAM DE ENCONTROS DO CONPLEI



LÍDERES EVANGÉLICOS INDÍGENAS QUE PARTICIPARAM DE SEMINÁRIOS, CURSOS E TREINAMENTO



DAE AMTB


DEMONSTRATIVO
QUANTO À EVANGELIZAÇÃO
EXISTEM 121 ETNIAS POUCO OU NÃO EVANGELIZADAS
Com acesso viável
Com acesso restrito
Com acesso parcialmente restrito
13
34
74
DAEAMTB


DEMONSTRATIVO
QUANTO À EVANGELIZAÇÃO
147 ETNIAS NÃO POSSUEM PRESENÇA MISSIONÁRIA EVANGÉLICA
Conhecidas
Isoladas
A pesquisar
25
27
95
DAEAMTB

DEMONSTRATIVO LINGUÍSTICO E DE TRADUÇÃO BÍBLICA

181 LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL

DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

- **13%** possuem descrição completa
- **38%** possuem descrição avançada
- **29%** possuem descrição incipiente
- **19%** possuem pouca ou nenhuma descrição
- **1%** em situação indefinida

PROJETOS EM ANDAMENTO:

54 LÍNGUAS (SERVEM A 57 ETNIAS)

- Análise linguística em andamento: **23**
- Tradução bíblica em andamento: **31**

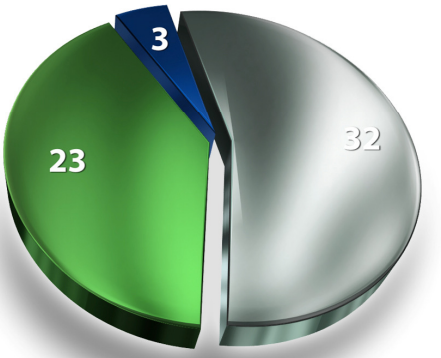
DEMONSTRATIVO LINGUÍSTICO E DE TRADUÇÃO BÍBLICA

58 LÍNGUAS TÊM PORÇÕES BÍBLICAS, O NOVO TESTAMENTO OU A BÍBLIA COMPLETA QUE SERVEM A 66 ETNIAS.

Bíblia completa
03 línguas
(servem a 7 etnias)

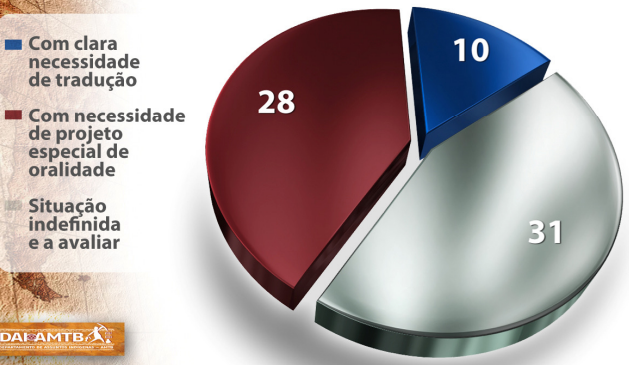
NT completo
32 línguas
(servem a 36 etnias)

Porções bíblicas
23 línguas
(servem a 23 etnias)



DEMONSTRATIVO LINGUÍSTICO E DE TRADUÇÃO BÍBLICA

EXISTEM 69 LÍNGUAS SEM A BÍBLIA TRADUZIDA



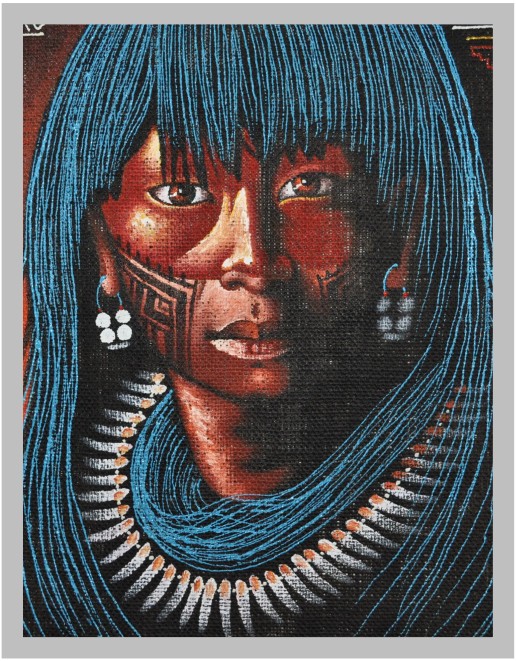
DEMONSTRATIVO LINGUÍSTICO E DE TRADUÇÃO BÍBLICA

132 ETNIAS FALANTES DO PORTUGUÊS

- Falantes somente do português: **66**
- Bilíngues ou trilíngues com o português: **66**

48 ETNIAS QUE EXPRESSAM NECESSIDADE DE NOVA VERSÃO BÍBLICA EM PORTUGUÊS

30 DIAS DE ORAÇÃO PELOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL



30 DIAS DE ORAÇÃO

PELOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL *(DAI-AMTB)* - *Ronaldo Lidório*

Organizador: Ronaldo Lidório.

Revisores: Cácio Silva, Cassiano Luz, Henrique Terena, Marcelo Carvalho, Márcio Schmidel e Kézia Lidório.

Fontes: banco de dados do Departamento de Assuntos Indígenas da Associação de Missões Transculturais Brasileiras (DAI-AMTB) e *Relatório Etnias Indígenas Brasileiras 2010* (www.revista.antropos.com.br).

Colaboração:

- APMT (Agência Presbiteriana de Missões Transculturais);
- DAI-AMTB (Departamento de Assuntos Indígenas da Associação de Missões Transculturais Brasileiras);
- CONPLEI (Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas);
- Instituto Antropos;
- SEPAL (Servindo aos Pastores e Líderes).

Mais informações sobre os povos indígenas do Brasil:

- www.indigena.org.br;
- www.conplei.org.br;
- www.instituto.antropos.com.br.

© **Instituto Antropos 2011. Reprodução permitida.**

Contato: equipe.antropos@terra.com.br.

Introdução

Deus ouve as orações, e essa é uma das verdades mais fantásticas da vida cristã!

Era comum Jesus convidar Seus discípulos para momentos de oração (Lc 11:1). Desejava conduzi-los a um ato de fé e a momentos de intimidade com o Pai. Ao longo de Sua vida e ministério, Jesus continuamente orava (Mc 6:46). Por vezes, Ele se distanciava da multidão para uma noite inteira de intercessão; outras vezes, falava com o Pai em curtas frases em meio à agitação diária (Mt 26:44). Em Suas orações, frequentemente apresentava Seus discípulos a Deus, rogando pela vida deles (Jo 17:15).

A oração nos convida ao relacionamento. Ela nos coloca aos pés do Senhor para buscarmos a Sua presença, conversarmos sobre as coisas do coração e sermos por Ele sondados. Provavelmente, a oração mais arriscada de toda a Palavra é a que foi proferida pelo salmista, quando clamou: *"Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração. Prova-me e conhece os meus pensamentos. Vê se há em mim algum caminho mal e guia-me pelo caminho eterno"* (Sl 139:23). Nela, o salmista roga para que o Senhor o *sonde*, reconhecendo que não é capaz de sondar a si mesmo e que precisa de Deus para entender o seu próprio coração. Roga para que o Senhor o *prove*, pedindo-lhE que o conduza nos processos do pensamento, pois depende dEle para isso. Por fim, roga para que Ele o *guie*, afirmando que, sem Ele, está perdido. Orar, portanto, não é tão somente apresentar nossas petições perante o Altíssimo, é nos aproximarmos do Seu coração, mas não basta orar, é necessário perseverar em oração (Ef. 6:18).

No livro de Atos, vemos que a igreja do primeiro século perseverava *"na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações"* (At 2:42). Esse texto funciona como um elo entre o Pentecoste e a vida diária da igreja. As Escrituras destacam de forma objetiva que a comunidade que seguia a Cristo era a comunidade da perseverança, que cria no impossível e caminhava na vontade do Pai, mesmo durante as épocas de maiores incertezas, e o fazia em oração.

Eu os convido a orar e perseverar em oração pelos povos indígenas do Brasil nestes dias. Em nosso país ainda há 121 etnias pouco ou não evangelizadas, 37 que vivem em risco de extinção, 111 grupos em complexos processos de urbanização, 38 línguas com clara necessidade de tradução bíblica e 99 etnias onde há uma igreja indígena, mas ainda sem liderança própria. Os missionários evangélicos atuam em 182 etnias em evangelização, plantio de igrejas, treinamento de líderes e ação social, coordenando 257 programas sociais. São desafios enormes!

Precisamos rogar ao Senhor por renovação das forças dos que estão com a mão no arado, novos obreiros para novas iniciativas, sinceras conversões entre os grupos, fortalecimento da igreja indígena no Brasil, recursos para os trabalhos, abrir das portas que permanecem fechadas e, sobretudo, clara direção do alto, para que seja feita a Sua vontade.

Nestes 30 dias, rogue ao Senhor da seara por vidas, etnias e missões, em perseverança, crendo que o Senhor ouve as orações!

Ronaldo Lidório

DIA 1 – Oremos pelos indígenas do Brasil



O Brasil indígena é formado por 228 etnias conhecidas e oficialmente reconhecidas, 27 isoladas, 10 parcialmente isoladas, 9 possivelmente extintas (sem comprovação conclusiva), 41 ressurgidas e 25 ainda a pesquisar, totalizando 340 grupos.

Em 2010, a população de indígenas era de aproximadamente 616.000. Dentre estes, 52% habitam em aldeamentos e 48% em regiões urbanizadas ou em urbanização. Cerca de 60% da população indígena brasileira habita a Amazônia Legal, composta pelos seguintes Estados: Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão (parte). A partir de leituras de movimentos demográficos, porém, estima-se que em cinco anos o número dos que vivem em aldeias será equivalente ao número dos que vivem nas pequenas e grandes cidades. A partir de 2015, a quantidade de indígenas que habita os centros urbanos certamente será maior e terá gradual aumento.

Neste universo de diversidade e multiculturalidade, encontram-se as 121 etnias pouco ou não evangelizadas, às quais o Evangelho de Cristo ainda não chegou ou foi comunicado apenas a uma parte do grupo. Esse tem sido um dos alvos de oração e também de esforço missionário.

O DAI-AMTB (Departamento de Assuntos Indígenas da Associação de Missões Transculturais Brasileiras) reúne 41 agências missionárias filiadas, as quais abrigam missionários vinculados a mais de 120 diferentes denominações evangélicas. Com outros movimentos parceiros, como o CONPLEI (Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas), há uma crescente atenção ao presente desafio de comunicar o Evangelho de Cristo aos que ainda não o conhecem.

Oremos:

1. Pelos grupos indígenas do Brasil e pelos complexos processos de manutenção de identidade, língua e cultura em meio a uma sociedade envolvente;
2. Pelas graves carências sociais, especialmente em educação, saúde e subsistência, que atingem mais de 70% dos grupos indígenas em nosso país;
3. Pelos 37 grupos que vivem em risco de extinção;
4. Pelos 121 grupos pouco ou não evangelizados, para que ouçam a respeito de Cristo;
5. Por 500 novos missionários que colaborem com as iniciativas em curso e se envolvam com a tarefa ainda inacabada.

DIA 2 – Oremos pela igreja indígena no Brasil



A igreja indígena é um movimento crescente em nosso país e, possivelmente, maior do que se imagina. Os últimos congressos de indígenas evangélicos promovidos pelo CONPLEI, com milhares de participantes, mostram um pouco dessa realidade.

Essa igreja está presente, em diferentes níveis de representação, em 150 etnias, possuindo igreja local com liderança própria em 51 e sem liderança própria em 99. Há presença missionária evangélica em 182 etnias indígenas, representando mais de 30 agências missionárias evangélicas e quase 100 diferentes denominações.

Há 16 seminários e cursos bíblicos no Brasil com ênfase no preparo indígena e 3 movimentos nacionais de iniciativa e coordenação indígena evangélica: o Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI), a Associação de Mulheres Evangélicas Indígenas (AMEI) e a Associação Indígena de Tradutores Evangélicos (AITE).

Há 121 etnias pouco ou não evangelizadas, ou seja, aquelas em que não há presença missionária evangélica nem mesmo crentes. Outros fatores, como acesso a outras etnias evangelizadas e dispersão demográfica, também foram considerados nessa categoria. Destas 121 etnias pouco ou não evangelizadas, 74 habitam áreas viáveis, mais abertas politicamente. O restante se divide entre áreas parcialmente restritas (13) ou totalmente restritas (34).

Dentre as 150 etnias com presença evangélica indígena, 99 não possuem liderança própria e, destas, 54 não dispõem de acesso a nenhum programa de ensino bíblico. Isso demonstra que a igreja indígena está em franco crescimento, porém não há proporcional desenvolvimento de ensino e treinamento, o que pode gerar graves problemas, como sincretismo e nominalismo.

Oremos para que a igreja indígena, juntamente com as agências missionárias, possa também efetivamente trabalhar no combate a alcoolismo, consumo de drogas, infanticídio e violência contra a mulher entre as etnias do nosso país. São problemas sérios que demandam compromisso de longo prazo.

Oremos:

1. Pelo crescimento e amadurecimento da igreja indígena;
2. Pelo treinamento de novos líderes indígenas, especialmente entre os 99 grupos sem liderança evangélica própria;
3. Pelo CONPLEI, pela AMEI e pela AITE;
4. Pelos líderes indígenas nacionais Henrique Terena, Edson Bakairi, Eli Tikuna, Jaison de Souza, Jonas Reginaldo, Leonísia Firmo, Luiz Terena e Paulo Nunes e por vários outros preciosos irmãos;
5. Para que a igreja indígena se torne mais e mais missionária.

DIA 3 – Oremos pelas organizações missionárias



Mais de 30 agências missionárias, representando cerca de 100 denominações evangélicas, formam hoje um efetivo missionário entre os indígenas do Brasil, no qual se misturam ações brasileiras, estrangeiras e indígenas, de mãos dadas.

Neste dia, devemos nos lembrar de louvar a Deus pelos pioneiros que vieram antes de nós, deixando suas terras, igrejas e famílias. Vieram abrir o caminho. A igreja indígena é hoje fruto dessa dedicação.

Oremos pelas agências missionárias vinculadas ao DAI/AMTB (Departamento de Assuntos Indígenas da Associação de Missões Transculturais Brasileiras): AEMI (Associação Evangélica Missionária Indígena), AGEMIW (Agência Missionária Wesleyana), ALEM (Associação Linguística Evangélica Missionária), Amanajé, AMEI (Associação de Mulheres Evangélicas Indígenas), AMEM (A Missão de Evangelização Mundial), AMIDE (Associação Missionária para Difusão do Evangelho), APEC (Aliança Pró-Evangelização de Crianças), APMT (Agência Presbiteriana de Missões Transculturais), Asas de Socorro, ATE (Associação Transcultural Evangélica), Atini – voz pela vida, CONPLEI (Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas), GAPCK – Seminário Teológico Timóteo do Amazonas, Gravações Brasil, Instituto Antropos, JAMI (Junta Administrativa de Missões da Convenção Batista Nacional), JMN (Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira), JOCUM (Jovens com Uma Missão), MCD (Missão de Cristianismo Decidido), MEIB (Missão Evangélica aos Índios do Brasil), MEU (Missão Evangélica Unida), MEVA (Missão Evangélica da Amazônia), MICEB (Missão Cristã Evangélica do Brasil), Missão Antioquia, Missão Evangélica Caiuá, Missão Horizontes, MIU (Missão Indígena Uniedas), MNTB (Missão Novas Tribos do Brasil), MISPA (Missão Priscila e Áquila), OMITTAS (Organização da Missão Indígena da Tribo Ticuna do Alto Solimões), SAIM (South America Indian Mission) e SIL (Sociedade Internacional de Linguística).

As iniciativas missionárias evangélicas presentes em 182 etnias indígenas no Brasil atuam em evangelização, ação social, plantio de igrejas, tradução bíblica e treinamento de líderes. Coordenam 257 diferentes programas sociais, colaborando com a subsistência em áreas de maior necessidade e tantas outras iniciativas, representadas por ações em educação na língua materna, minimização dos problemas de saúde e valorização da cultura e da língua tradicional.

Oremos:

1. Para que o Senhor fortaleça as organizações missionárias em suas necessidades;
2. Pelos processos de evangelização, tradução da Bíblia, ação social e plantio de igrejas entre os que pouco ou nada ouviram;
3. Pelos 257 programas sociais, para que sejam usados para minimizar o sofrimento e promover a dignidade indígena;
4. Pela liderança de cada organização missionária, por sabedoria do Senhor;
5. Por clara visão do Senhor para novos passos na direção prioritária para o Reino.

DIA 4 - Oremos pelos missionários



Há grave necessidade de um efetivo missionário maior em quase todas as frentes missionárias indígenas, tanto para manter o trabalho valorosamente começado anos ou décadas atrás, bem como para iniciar novos trabalhos onde há oportunidades, mas poucos recursos humanos.

Devemos orar por aqueles que já estão no campo há algum tempo, sejam veteranos e pioneiros ou mais jovens e recém-chegados. Que o Senhor os sustente, dando ânimo novo e forças renovadas. Também devemos orar por provisão para cada projeto missionário.

Os últimos anos têm sido marcados pelo desejo de novos grupos ou comunidades indígenas ouvirem a Palavra de Deus. Muitos apelos, porém, ficam sem resposta, pois não há quem vá. Na retaguarda, na atuação de base e nos trabalhos especializados de apoio e consultorias também há grave carência de maior presença missionária. Não há presença missionária em 147 etnias indígenas no Brasil, sendo 95 conhecidas, 27 isoladas e 25 a pesquisar.

Devemos orar por novos missionários que: (1) tenham compromisso com Cristo e a obra missionária entre os povos indígenas; (2) estejam desejosos de se envolver com desafios e programas de médio e longo prazo; (3) sejam aptos ao aprendizado de uma nova língua e cultura; (4) tenham forte desejo de se envolver com o universo indígena de forma integral; (5) sejam aprovados segundo a Palavra de Deus (1 Tm 3).

Oremos:

1. Pelos missionários em seus campos e ministérios, por forças novas e ânimo no Senhor, por um bom relacionamento com a equipe de trabalho e também com os indígenas;
2. Pelas famílias missionárias, por boa saúde, vida em família e criação dos filhos no Senhor, também por provisão pessoal para os projetos familiares;
3. Por novos missionários, pelo relacionamento deles com suas igrejas enviadoras e agências missionárias, por provisão para suas vidas e início de ministério e, sobretudo, por vida com Deus e clara direção do alto para próximos passos;
4. Por discernimento quanto ao trabalho e perseverança para os novos missionários, por um bom relacionamento com a equipe de trabalho e com os indígenas;
5. Por facilidade no aprendizado da língua e compreensão da cultura com a qual se relaciona, por amor a Cristo e aos indígenas com os quais trabalha e por alegria no ministério.

DIA 5 – Oremos pelas traduções bíblicas



Consideramos a existência de 181 línguas indígenas no Brasil, apesar das diferentes discussões e dos estudos ainda inconclusivos sobre várias delas.

O trabalho missionário tem sido um dos principais promotores da grafia e da preservação das línguas tradicionais dos povos indígenas em nosso país e em diversas outras partes do mundo.

Em 54 línguas, há programas de análise linguística e letramento em andamento, sob iniciativa evangélica. Em 31 destas línguas, há também programas de tradução bíblica em andamento. No momento, há 58 línguas que possuem porções bíblicas, o Novo Testamento ou a Bíblia completa em seu próprio idioma, material que serve a 66 etnias.

Em 3 línguas, há a Bíblia completa (serve a 7 etnias); em 32, há o Novo Testamento completo (serve a 36 etnias) e, em 23, há porções bíblicas (servem ao mesmo número de etnias).

Há 10 línguas com clara necessidade de tradução bíblica, 28 com necessidade de um projeto especial de tradução com base na oralidade e 31 com situação ainda indefinida, a avaliar. Estas 31 línguas são faladas por 59 etnias. Tanto as línguas com necessidade de projetos de tradução quanto aquelas com necessidade de um projeto especial de oralidade possuem pouquíssima possibilidade de compreensão do Evangelho em alguma outra língua ou por outros meios de comunicação ou outros grupos próximos.

Oremos especialmente pelos: Aweti (Mato Grosso), Húpdah (Amazonas), Juruna (Mato Grosso e Pará), Kamayurá (Mato Grosso), Karitiana (Rondônia), Mynky (Mato Grosso), Panará (Mato Grosso e Pará), Waimiri-Atroari (Amazonas e Roraima) e Zo'é (Pará).

Oremos:

1. Pelo uso das Escrituras já traduzidas e disponibilizadas, para que sejam abundantemente usadas pela igreja indígena;
2. Pelas 38 línguas conhecidas sem as Escrituras, por novas iniciativas, bem como por projetos de oralidade;
3. Pelos projetos em andamento em 54 diferentes línguas, por ânimo renovado para linguistas/tradutores, agências missionárias e igrejas envolvidos com esses projetos;
4. Por novos linguistas, tradutores, educadores e mestres;
5. Pela AITE (Associação Indígena de Tradutores Evangélicos), bem como pelas igrejas indígenas sem as Escrituras em seu próprio idioma.

DIA 6 – Oremos pelo uso das Escrituras



O trabalho de tradução e de uso das Escrituras é longo e requer um envolvimento integral de, pelo menos, uma geração. Não é suficiente traduzir as Escrituras, mas também alfabetizar os que as lerão e despertar neles o desejo de fazê-lo. Além da forma clássica de tradução bíblica (publicações impressas), há também muitos desafios para a produção de material em áudio e audiovisual. A transmissão das Escrituras de forma oral tem sido uma ótima estratégia de comunicação das boas novas e se adapta a diversas línguas e contextos.

Há 17 etnias com acesso à Bíblia (seja porção, Novo Testamento ou Antigo Testamento) na língua materna, mas sem indígenas evangélicos entre eles, ou seja, a Bíblia está presente, mas não está sendo usada. Há ainda outras 25 etnias com o mesmo acesso à Bíblia e com existência de uma igreja indígena local, mas sem liderança própria.

Assim, o desafio de tradução e transmissão das Escrituras se faz presente tanto nas 10 línguas com carência confirmada de tradução bíblica como nas 28 com necessidade de um projeto especial de oralidade e também nas 54 que possuem projetos linguísticos e de tradução em andamento. É imperativo apoiarmos aqueles que já estão no caminho, com longo trabalho já realizado, e não somente investirmos em novas iniciativas.

Vemos, portanto, que, nessa área, precisamos olhar para os que já estão caminhando, para que não parem ao longo do caminho, para os que irão iniciar a caminhada com novos desafios e para aqueles cujo trabalho de tradução já foi concluído, mas o uso das Escrituras necessita ser reavivado. Precisamos de educadores e mestres na mesma proporção que linguistas e tradutores.

Oremos:

1. Para que a igreja indígena tenha crescente interesse pela Palavra em sua própria língua e por proveito na leitura, no aprendizado e na reprodução da Palavra a outros;
2. Por mais missionários linguistas e tradutores, bem como educadores e mestres em cada grupo indígena com tal necessidade;
3. Pela disponibilização das Escrituras de forma escrita, gravada, contada ou dramatizada (sobretudo em testemunho) em cada etnia indígena do Brasil;
4. Pelos projetos de tradução em andamento, para que os indígenas tenham interesse na participação dos mesmos desde já;
5. Pelas organizações e iniciativas missionárias promotoras da Palavra entre os indígenas, por perseverança, bom trabalho, portas abertas e criatividade na disponibilização das Escrituras em cada língua do nosso país.

DIA 7 – Oremos pelos indígenas urbanizados



Considerando que 48% da população indígena brasileira já vive hoje em áreas urbanizadas, é necessário orar por esse desafio. Provavelmente, 111 grupos indígenas já vivem em contexto de urbanização, o que promove uma série de disfunções socioculturais.

A urbanização é um fenômeno produzido, sobretudo, pelos processos de atração que promovem a migração do indígena para áreas urbanizadas, pequenas e grandes cidades. Os principais elementos de atração são: (1) busca por educação formal em português; (2) proximidade de uma melhor assistência à saúde; (3) acesso a produtos assimilados (especialmente roupas, alimentos, entretenimento e álcool); (4) expectativa de melhor subsistência.

Os dados quanto ao processo de urbanização e suas implicações socioculturais, sociolinguísticas e familiares ainda são inconclusivos, porém apontam, em grande parte, para um cenário por demais preocupante, formado por sérias deficiências de inclusão social, empobrecimento da dieta alimentar e dificuldade de acesso às iniciativas de assistência pública.

A evangelização dos grupos urbanizados também representa um grande desafio. Duas posturas têm sido observadas de forma mais presente nesse contexto. Primeiramente, ignorar e discriminar a presença indígena na cidade, evitando o contato e qualquer iniciativa de relacionamento. Em segundo lugar, abordar os indígenas sem critérios de sensibilidade cultural, incorporando-os a trabalhos com padrões não indígenas que promovem dificuldades de comunicação e algum sistema de exclusão.

Oremos:

1. Pelos 111 grupos indígenas em processo de urbanização;
2. Pelas políticas públicas, para que contemplem esse grupo quase invisível nas cidades brasileiras;
3. Pelas iniciativas evangélicas entre os indígenas, de forma ativa, intencional e culturalmente sensível;
4. Por lideranças indígenas evangélicas que conduzam o povo nessa difícil caminhada;
5. Pelas iniciativas do CONPLEI, que visam a facilitar a experiência de urbanização dos indígenas evangélicos.

DIA 8 – Oremos pelas ações sociais e pelos direitos humanos



Historicamente, as iniciativas missionárias sempre se associaram às ações sociais, especialmente nas áreas de educação e saúde.

Em 165 etnias indígenas, há programas e projetos sociais coordenados por missionários evangélicos. Destas, 92 possuem 1 programa social ativo, 54 possuem 2 programas sociais ativos e 19 possuem 3 ou mais programas, perfazendo 257 programas e projetos com ênfase nas áreas de educação (análise linguística, registro, letramento, publicações locais e tradução), saúde (assistência básica, primeiros socorros e clínicas médicas), subsistência e sociocultura (valorização cultural, promoção da cidadania, justo comércio e inclusão social). Apenas 17 etnias com presença missionária evangélica não possuem um programa social ativo. Mais de 90% de todos os programas e projetos são subsidiados por igrejas, empresas e representantes evangélicos do Brasil. Esses números demonstram que a presença missionária evangélica, histórica e tradicionalmente, está sempre associada a iniciativas sociais e culturais, especialmente àquelas com forte valor para o povo local.

Várias dessas iniciativas estão associadas à luta pelos direitos humanos. Um movimento nacional com ênfase no combate ao infanticídio foi iniciado pela Atini – voz pela vida, e aglutinou, nos últimos anos, apoio e participação de todos os segmentos evangélicos, despertando o debate, expondo fatos contundentes e resultando em ações de valorização à vida e em apoio a crianças em risco de infanticídio.

Oremos:

1. Pelos 257 programas sociais coordenados pelos missionários, por sabedoria, perseverança e provisão de recursos humanos e financeiros;
2. Pelas populações indígenas com carências não supridas em áreas sociais, por novas iniciativas;
3. Por políticas públicas mais amplas que contemplem as populações com maiores carências;
4. Pela Atini- voz pela vida e sua luta contra o infanticídio, pela liderança do movimento e por conscientização das populações indígenas quanto ao assunto;
5. Pelos missionários envolvidos em ações sociais, por ânimo renovado a cada passo e provisão para cada projeto.

DIA 9 - Oremos pelas etnias sob risco de extinção



Dentre a diversidade do universo étnico indígena brasileiro, encontram-se também 37 grupos que vivem em risco de extinção, levando em consideração sua população (inferior a 35 pessoas), elementos socioambientais desfavoráveis, limitado acesso à assistência de saúde, conflitos e dispersão, que são os cinco principais fatores no processo de extinção de um grupo.

Vale ressaltar que, além dessas 37 etnias, outras 3 foram recentemente consideradas como extintas e 9 estão na categoria de possivelmente extintas, portanto é um processo dinâmico e amplo que atinge, especialmente, as etnias menores e sujeitas aos fatores mencionados. Devemos nos lembrar que etnias não se extinguem apenas no interior esquecido das matas, mas também no encontro de culturas, notadamente nos processos de urbanização.

Oremos pelos grupos minoritários e, especialmente, por aqueles que enfrentam situações de sofrimento humano e social.

Dentre às etnias sujeitas à extinção, lembremos de orar pelos: Avá-Canoeiro, Txapacura, Arikapu, Ewuarhuyana, Juma, Krejê, Mandawaka, Tawandê, Yakarawakta e Wokarangma.

Oremos:

1. Por políticas públicas e iniciativas privadas que minimizem os problemas crônicos de saúde;
2. Pela diminuição dos conflitos no próprio grupo ou com membros de grupos vizinhos;
3. Pela evangelização e conversão desses grupos;
4. Pela preservação da língua, da cultura e da identidade;
5. Pela solução dos problemas que envolvem território.

DIA 10 – Oremos pelas 121 etnias pouco ou não evangelizadas

Há cerca de 121 etnias que podemos considerar pouco ou não evangelizadas. São aquelas onde o Evangelho não foi proclamado ou ainda não há crentes no Senhor Jesus Cristo. Destas 121 etnias pouco ou não evangelizadas, 74 habitam áreas viáveis, ou seja, áreas onde não há fortes restrições para a entrada e permanência missionária. O restante se divide entre áreas parcialmente restritas (13) ou totalmente restritas (34).

Vários elementos fazem com que uma etnia permaneça ainda pouco ou não evangelizada após tantos anos de fé cristã em nosso país. Apesar das múltiplas iniciativas missionárias, talvez o principal elemento seja de fato a carência de missionários.



Como representantes desses grupos pouco ou não evangelizados, podemos orar pelos: Akuriô (Pará), Arapaso (Amazonas), Aweti (Mato Grosso), Kantaruré (Bahia), Katiana do Biá (Amazonas), Kokuiregatejê (Maranhão), Makuna (Amazonas), Maopityán (Pará), Muru (Acre), Paiaku (Ceará), Sakiriabar (Rondônia), Turiwara (Pará) e Zo'é (Amazonas).

Oremos:

1. Pela continuidade do trabalho de evangelização, para que o Evangelho alcance o coração do povo na graça de Cristo;
2. Por novas iniciativas entre os que nada ouviram, por novos missionários e por clara direção para os menos evangelizados;
3. Por portas abertas junto ao grupo, tanto legais quanto comunitárias;
4. Pela relação desses grupos indígenas com outros já evangelizados, nos quais há a Igreja de Cristo, e por testemunhos que transformem vidas;
5. Por perseverança e junção de forças para que todos ouçam do Senhor Jesus na própria língua e cultura.

DIA 11 – Oremos pelas etnias isoladas



Há, ainda, grupos indígenas com pouquíssimo ou nenhum contato com o mundo externo, que são chamados de isolados. São 37 grupos listados nessa categoria, mas podem chegar a 52. São etnias minoritárias que, pela dinâmica de trânsito e habitação em áreas remotas, critérios de evitamento relacional com outros grupos ou conflitos que os levaram a se distanciar, permaneceram isoladas de outros segmentos.

Alguns desses grupos começam a se aproximar de áreas urbanizadas ou de outros grupos indígenas, e a pergunta que deve ser levantada é: Sob quais critérios eles deixarão de ser isolados? Se o estado de isolamento os priva de alguns elementos desejáveis, como uma assistência mais ampla na área de saúde, a aproximação sem critérios da urbanização pode ser nociva ou letal ao grupo.

Não há critérios claros do Estado brasileiro quanto a tais grupos além de tentar mantê-los em isolamento. Devemos, assim, orar pelos isolados da Serra do Taboleiro, isolados da Serra do Taquaral, isolados do Acre, isolados do Alto Jutaí, isolados do Alto Rio Envira, isolados do Alto Rio Purus, isolados do Arama e do Inauini, isolados do Bararati, isolados do Cuminá, isolados do Curuçá, isolados do Igarapé Omerê, isolados do Jatapu, isolados do Rio Jari, isolados do Uru-Eu-Wau-Wau e isolados do Xingu, como representantes desses grupos ainda isolados em solo brasileiro.

Oremos:

1. Por uma política pública que seja realista e proponha critérios claros e aplicáveis em relação aos grupos que se aproximam de centros urbanizados ou o farão no futuro próximo;
2. Pelas situações de sofrimento, especialmente na área de saúde, além da complexidade de subsistência;
3. Para que, de alguma forma, Jesus Cristo se torne conhecido entre eles;
4. Por aqueles que já buscam um relacionamento com o mundo externo, por encontros que sejam seguros e benéficos;
5. Para que o Senhor os abençoe nas necessidades que desconhecemos.

DIA 12 – Oremos pelo treinamento da liderança da igreja indígena

As 99 etnias com igreja evangélica, mas sem liderança própria, representam a extensão do desafio de treinamento em nossos dias. Junta-se a isso o fato de que 67 dessas etnias possuem pouco acesso a cursos bíblicos e 54 não possuem nenhum acesso.



A igreja indígena vive um momento de crescente interesse na capacitação bíblica e em outras diversas áreas, porém sofre com a ausência de treinamento perante a demanda e a necessidade. É necessário observarmos para onde o vento sopra e nos juntarmos a esse movimento. Entre 2006 e 2007, há registro de 1.690 indígenas que participaram de encontros e congressos do CONPLEI ou apoiados pelo CONPLEI. Em 2008 e 2009, esse número subiu para 2.350, demonstrando o grande interesse por comunhão interétnica, treinamento e capacitação.

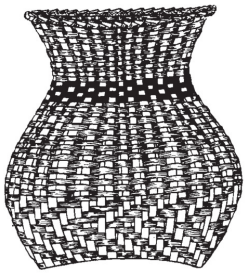
Há, portanto, necessidade de fortalecer os seminários e cursos já implementados para o treinamento indígena, investir em novas iniciativas, como a Capacitação Bíblica Missionária Indígena (CBMI), e encorajar os movimentos de treinamento de própria iniciativa indígena, como o CONPLEI.

Uma das conclusões estratégicas mais claras e urgentes nestes últimos anos é a necessidade de investir de forma intencional e abundante no treinamento dos líderes indígenas evangélicos.

Oremos:

1. Pelos seminários de treinamento de líderes indígenas no Brasil, por mais professores e provisão do Senhor para seu desenvolvimento;
2. Pela CBMI e por outros programas usados para esta finalidade: provisão do Senhor e recursos humanos para o trabalho;
3. Pelo projeto de educação indígena do CONPLEI em Iranduba, Amazonas, por professores, provisão de recursos humanos e financeiros e sabedoria para cada passo;
4. Pelos programas locais de treinamento indígena ligados às iniciativas missionárias e às igrejas indígenas locais;
5. Por líderes indígenas crentes e amadurecidos, com conhecimento da Palavra, sabedoria do alto e coração missionário.

DIA 13 – Oremos pelos projetos em andamento e pelos projetos especializados



É necessário atenção às atividades missionárias em andamento, especialmente àquelas que estão em fase de consolidação ou conclusão (mais de dez anos). Pela índole da igreja evangélica brasileira e seu afã por novas iniciativas, não raramente deixamos para trás preciosas sementes que foram lançadas na terra há uma ou mais décadas e que precisam de maior atenção e apoio. Refiro-me, portanto, à presença missionária em 182 etnias, aos 257 programas sociais em atividade, aos projetos de linguística e tradução em 54 línguas, aos 3 grandes movimentos evangélicos indígenas e aos 16 seminários e cursos com ênfase no treinamento indígena. Há clara necessidade de apoio para a consolidação e a continuidade de tais atividades.

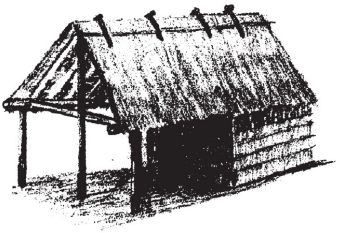
Em diversas atividades missionárias, há necessidade de apoio técnico especializado, essencial para a qualidade da produção. Podemos citar áreas, como linguística, antropologia, missiologia, pesquisa, desenvolvimento comunitário, ação social, medicina, enfermagem, odontologia, consultoria jurídica, transporte, comunicação e logística. Sem um adequado fortalecimento no apoio especializado, as ações missionárias entre os povos indígenas perderão força, qualidade e oportunidade.

Podemos observar instituições e iniciativas em áreas especializadas, como Asas de Socorro (apoio logístico, transporte, comunicação e ação social), Instituto Antropos (capacitação missionária e ferramentas de capacitação de liderança indígena) e Celebrando a libertação (combate ao alcoolismo em suas variadas formas). Tais iniciativas, especializadas, multiplicam as ações missionárias e melhoram a qualidade do serviço.

Oremos:

1. Pelas atividades missionárias em andamento, especialmente aquelas que estão em fase de consolidação ou conclusão (mais de dez anos);
2. Pelos missionários que estão no campo há vários anos, por encorajamento, saúde e perseverança;
3. Pelos projetos especializados de apoio missionário nas áreas de linguística, antropologia, missiologia, pesquisa, desenvolvimento comunitário, ação social, consultoria jurídica, transporte, comunicação e logística;
4. Por Asas de Socorro, para que o Senhor envie mais missionários pilotos, mecânicos, administradores e profissionais de saúde e aqueles que seguram as cordas para que o trabalho avance;
5. Pelos 16 seminários que colaboram com o treinamento indígena no Brasil, por professores, recursos e alunos segundo o coração de Deus.

DIA 14 – Oremos pelas iniciativas missionárias das igrejas indígenas



No Brasil, há fortes igrejas indígenas que atuam além de suas fronteiras étnicas, como Baniwa, Hixkariana, Kaiuá, Kuripako, Tikuna, Terena, Xerente e Wai-Wai, dentre outras. Há também igrejas mais localizadas, mas que possuem uma crescente visão e despertamento missionário. Todas elas são, em potencial, a maior força missionária para a evangelização dos pouco ou não evangelizados.

Devemos nos unir em oração para que essas igrejas, junto a outros grupos em que há uma igreja madura estabelecida e com liderança própria, desenvolvam ações missionárias em seu próprio povo e além dele. Devemos orar por um movimento missionário de natureza indígena, liderado por indígenas, para os povos indígenas e além. Também devemos orar para que o Senhor desperte a igreja indígena brasileira para a missão de ser sal da Terra e luz do mundo.

As etnias Baniwa, Hixkariana, Kaiuá, Kuripako, Tikuna, Terena, Xerente e Wai-Wai, entre outras, possuem, como perfil, a presença de uma igreja evangélica viva e com liderança própria, com as Escrituras em sua própria língua e interesse em espalhá-las. Possuem também os desafios comuns a uma igreja que ainda é relativamente nova, que tenta formar sua própria liderança e consolidar sua identidade. A partir de tais etnias, um mover do alto pode fazer chegar o Evangelho de Cristo aos que ainda nada ouviram, encorajar as igrejas que estão nascendo e colaborar para a consolidação das que buscam a autoctonia.

Oremos:

1. Pela igreja entre os Baniwa, Hixkariana, Kaiuá, Kuripako, Tikuna, Terena, Xerente e Wai-Wai, por um despertamento espiritual e missionário;
2. Pela igreja indígena presente em 150 etnias no Brasil, para que o Senhor desenvolva uma liderança madura, que ame a Palavra e conduza o povo a ações missionárias em seu próprio povo e além dele;
3. Pelas iniciativas da igreja indígena que já estão em andamento em direção aos não evangelizados, tanto indígenas quanto ribeirinhos, para que o Senhor abra as portas e dê boa direção e unidade em cada passo;
4. Por bons relacionamentos interétnicos da igreja indígena brasileira com os grupos pouco ou não evangelizados;
5. Por sabedoria para que a igreja não indígena colabore com a igreja indígena na santa tarefa de proclamar as boas novas de Cristo entre todos os povos.

DIA 15 – Oremos pelos Tukano e pelos tukanizados



Os Tukano e os tukanizados (grupos influenciados pela língua e pela cultura Tukano), como Siriano, Tariano, Arapaso, Makuna, Desano, Barasano, Miriti-Tapuya, Tuyuka e Pira-Tapuya, no Brasil e na Colômbia, totalizam quase 15.000 pessoas.

Esses grupos se localizam no Vale do Uaupés, noroeste da bacia Amazônica, e também nos Rios Tiquié e Pupuri, afluentes do Rio Uaupés, no Alto Rio Negro.

Historicamente, os Tukano são um povo líder e influenciador em sua região. Apesar de, normalmente, declararem-se católicos, há bastante sincretismo do catolicismo com a religião tradicional e muito poucos crentes conhecidos entre eles. Experimentam um crescente processo de urbanização e politização.

Oremos por conversões sinceras, uma liderança bem discipulada e fortes igrejas missionárias. Há três iniciativas específicas de trabalho missionário evangélico entre os Tukano no Brasil, e devemos rogar ao Senhor para que elas se transformem em fortes e maduras igrejas missionárias.

Recentemente, o povo Tukano que habita a Amazônia brasileira recebeu o Novo Testamento completo em sua língua, motivo de muito louvor a Deus. Devemos orar para que haja sede pela leitura da Palavra e que esta fale a muitos corações.

Oremos:

1. Pelos crentes da etnia Tukano, para que fiquem firmes no Senhor Jesus, amem a Palavra e influenciem muitos outros dentre o seu povo;
2. Pela evangelização do povo Tukano e demais povos tukanizados no Vale do Uaupés e derredores, por conversões sinceras;
3. Por líderes Tukano bem treinados na Palavra, com vida guiada pela Palavra e ardor missionário no coração;
4. Pelos missionários que atuam entre os povos Tukano e os tukanizados, por forças renovadas, bons relacionamentos e oportunidade de evangelização;
5. Pelas incipientes igrejas entre os Tukano, para que sejam avivadas no Senhor para amar a Palavra, buscar vida santa e ser usadas por Deus na obra missionária.

DIA 16 – Oremos pela região do Uaupés



Três das grandes áreas indígenas com aglutinação étnica e pouco evangelizadas no Brasil são o Parque do Xingu, o Vale do Javari e a região do Uaupés.
A região do Uaupés é formada pelo Rio Uaupés, seus afluentes e interflúvios no noroeste do Amazonas, região limítrofe com a Colômbia. O Rio Uaupés e seus afluentes abrigam mais de 300 povoados e aldeias onde o Evangelho pouco tem sido proclamado.
Nessa região, habitam as etnias: Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Húpdah, Karapanã, Kubeo, Wanano, Makuna, Miriti-Tapuya, Pira-Tapuya, Siriano, Taiwano, Tariano, Tatuyo, Tukano, Tuyuka, Kotiria, Yuhupdeh e Yuruti, dentre outras.

Dentre os povos da região do Uaupés, os Húpdah e os Yuhupdeh são etnias que, tradicionalmente, habitavam o interior da mata e, atualmente, aproximam-se dos grandes rios. São cerca de 3.200 pessoas espalhadas em dezenas de aldeias de difícil acesso, falando suas línguas com variações dialetais. Fazem parte da mesma família linguística que Dâw, Nadëb e Nadëb, do Rio Negro e, provavelmente, Kakua e Nukak. Dentre as etnias mencionadas, os Dâw e os Nadëb foram evangelizados, havendo boas igrejas entre eles, porém o restante continua sem presença conhecida de convertidos ao Evangelho de Cristo.

Esses grupos na região do Uaupés recebem influência católica há várias décadas, mas permanecem mais influenciados pela religião tradicional, tendo o pajé e seus benzimentos como centro de sua religiosidade.

Oremos:

1. Pelos povos da região do Uaupés, por acesso ao Evangelho e por conversões sinceras;
2. Para que Deus os liberte da dependência do caxiri (bebida feita com a fermentação de certo beiju feito da mandioca) e da cachaça, que bebem quando vão à cidade;
3. Para que Deus os liberte do medo e do temor dos espíritos e para que conheçam a pessoa do Senhor Jesus Cristo;
4. Pelas iniciativas missionárias na região, que tenham oportunidades para comunicar o Evangelho de Cristo;
5. Pelos missionários, por bom ânimo na caminhada, perseverança no trabalho, saúde, provisão e bons relacionamentos com os indígenas.

DIA 17 – Oremos pelo Vale do Javari



O Vale do Javari é localizado no sudoeste do Estado do Amazonas e faz divisa com o Peru, abrangendo áreas banhadas pelos Rios Javari, Jutaí, Jandiatuba, Curucá, Ituí, Itacoaí e Quixito. Sua extensão territorial ultrapassa oito milhões de hectares e é uma área demarcada pelo governo brasileiro. Essa região abriga, possivelmente, o maior número de índios isolados do mundo.

Abrange terras dos municípios de Atalaia do Norte, Benjamim Constant, São Paulo de Olivença e Jutaí. Diversas etnias habitam o Vale do Javari: Kanamari, Kulina Pano, Kulina Arawa, Marubo, Matis, Matsés (Mayoruna), Korubo e Tsohom Djapá, além dos isolados.

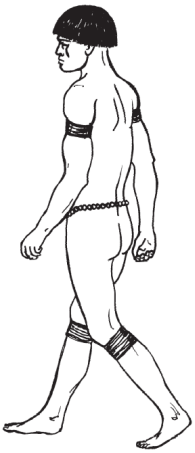
Nos últimos anos, tem sido constante o pedido de socorro médico por parte das etnias do Javari, que denunciam as crises de saúde pública na região.

Há poucos crentes conhecidos entre as etnias do Vale do Javari, e as iniciativas missionárias enfrentam diversas barreiras. Devemos orar para que o Senhor abra portas até hoje desconhecidas e fortaleça os missionários que atuam nessa região.

Oremos:

1. Pelos povos do Vale do Javari, por acesso ao Evangelho e por conversões sinceras;
2. Pelas igrejas nos municípios e povoados nos derredores do vale, para que sejam usadas por Deus na relação com os indígenas, quando estes visitam as cidades;
3. Por portas que se abram e oportunidades para evangelização;
4. Pelas iniciativas missionárias na região, para que tenham oportunidades para comunicar o Evangelho de Cristo;
5. Pelos missionários, por bom ânimo na caminhada, perseverança no trabalho, saúde, provisão de recursos humanos e financeiros e bons relacionamentos com os indígenas.

DIA 18 – Oremos pelo Parque do Xingu



A área cultural denominada Alto Xingu forma o Parque Indígena do Xingu, localizado no Mato Grosso. É formado por 16 etnias e mais de 6.000 indígenas.

Nas regiões sul, médio, baixo e leste Xingu, habitam as seguintes etnias: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kisêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Tapayuna, Trumai, Wauja, Yawalapiti e Yudjá. São grupos distintos que se relacionam e partilham o mesmo território apesar de manterem suas distinções linguísticas e socioculturais.

Essa é uma das áreas indígenas menos evangelizadas no Brasil e restrita à presença missionária. Devemos orar para que o Senhor direcione a igreja indígena e as iniciativas missionárias no relacionamento com os indígenas do Xingu.

Oremos:

1. Para que novas portas sejam abertas no Parque do Xingu;
2. Para que o Evangelho transforme os relacionamentos interpessoais entre os povos do Xingu;
3. Pelas iniciativas missionárias, para que sejam usadas pelo Senhor, tanto na evangelização quanto na ação social;
4. Por perseverança para as ações missionárias entre os grupos do Xingu, por boa saúde, forças novas, provisão e ânimo no Senhor;
5. Pelos que enfrentam sofrimentos humanos e sociais entre os povos do Xingu, para que o Senhor os abençoe nas necessidades de saúde, na relação entre os grupos e na subsistência.

DIA 19 – Oremos pelos Yanomami



Os chamados Yanomami representam um conjunto étnico que habita o Brasil e a Venezuela, com população superior a 27 mil pessoas. Falam quatro diferentes línguas e se distinguem, linguística e culturalmente, de qualquer outro grupo indígena na América do Sul. Somente no Brasil, espalham-se em 228 distintas aldeias.

Podemos dividi-los a partir das línguas faladas, como: Sanumá (tradicionalmente habitantes da parte oriental de Roraima), Yanomami (Xamatari), Ninam (habitantes do Rio Mucajaí) e Ajarani (encontrados no afluente do Rio Branco).

Esses grupos são seminômades, vivem de caça, pesca e agricultura de subsistência, bem como da coleta de frutas na mata.

Pela distinção linguística e cultural, os Yanomami tendem a viver mais isolados dos demais grupos indígenas de sua região e manter pouco relacionamento intercultural com outras etnias. Produzem lindos artesanatos e são conhecedores da floresta por transitarem em seu interior mais remoto.

Há alguns anos, os Yanomami passaram a se converter ao Senhor Jesus, depois de décadas de trabalho com poucos resultados visíveis. Hoje, há interesse pela Palavra em diversas aldeias e uma valorização do Evangelho. Algo novo está acontecendo.

Os desafios, porém, são grandes em relação a acesso, permanência e comunicação missionária.

Oremos:

1. Por conversões sinceras e amadurecimento da Palavra entre os Yanomami, para que os convertidos evangelizem e discipulem outros;
2. Para que o Evangelho transforme os relacionamentos interpessoais entre os povos Yanomami, minimizando os conflitos;
3. Pelas iniciativas missionárias entre os Yanomami, para que sejam usadas pelo Senhor, tanto na evangelização quanto na ação social;
4. Por perseverança para os missionários entre os Yanomami, por forças novas e bom ânimo, pelos Yanomami crentes, para que perseverem no Senhor e evangelizem seu próprio povo;
5. Pelos que enfrentam sofrimentos humanos e sociais entre os Yanomami, para que o Senhor os abençoe nas necessidades de saúde, na relação interpessoal e entre grupos e na subsistência.

DIA 20 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos Aipim aos Húpdah



Oremos pelas 121 etnias indígenas pouco ou não evangelizadas nestes próximos dias, colocando perante o Pai seus nomes e rogando para que ouçam plenamente o Evangelho de Jesus Cristo, bem como tenham a provisão que necessitam para toda e qualquer carência social.

Lembremos de interceder pela relação dos povos indígenas com os não indígenas. Muitos vivem em território partilhado, onde há processos exploratórios no comércio e no trabalho. Oremos por relações sociais justas e não discriminatórias.

Oremos:

1. Pelos Aipim (população incerta) e pelos Akuriô (138 pessoas), ambos no Pará;
2. Pelos Amanayé (210 pessoas) e pelos Anambé (1680 pessoas), ambos no Pará;
3. Pelos Animpokoimo, no Amapá, no Pará e em Roraima (população incerta), pelos Apiaká, no Mato Grosso, no Pará e no Amazonas (745 pessoas), e pelos Aranã, em Minas Gerais (363 pessoas);
4. Pelos Arapaso, no Amazonas (526 pessoas), pelos Arapiun, no Pará (população incerta), e pelos Aweti, no Mato Grosso (171 pessoas);
5. Pelos Baenã, na Bahia (população incerta), pelos Barawana, no Amazonas (população incerta), pelos Ewarhuyana, no Pará (12 pessoas), e pelos Húpdah, no Amazonas (2.200 pessoas).

DIA 21 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos isolados do Taboleiro aos isolados do Xinane



Continuemos a orar pelas 121 etnias indígenas pouco ou não evangelizadas em nosso país. Há cerca de 180 línguas indígenas vivas no Brasil, sendo que 132 etnias falam português (monolíngues, bilíngues ou trilíngues).

Oremos para que a Palavra chegue a cada coração na língua que lhe seja mais propícia, que conduza de forma facilitadora a mensagem de salvação em Cristo Jesus.

Intercedamos também para que missionários tenham facilidade no aprendizado das línguas indígenas e na compreensão de cada expressão cultural.

Oremos:

1. Pelos isolados da Serra do Taboleiro, em Santa Catarina (população incerta), e pelos isolados da Serra do Taquaral, em Rondônia (50 pessoas);
2. Pelos isolados do Acre (população incerta) e pelos isolados do Alto Jutaí, no Amazonas (200 pessoas);
3. Pelos isolados do Alto Rio Envira, no Amazonas (população incerta), pelos isolados do Alto Rio Purus, no Amazonas (população incerta), e pelos isolados do Arama e do Inauini, no Amazonas (população incerta);
4. Pelos isolados do Bararati, no Amazonas (população incerta), pelos isolados do Cuminá, no Pará (população incerta), e pelos isolados do Curuçá, no Amazonas (50 pessoas);
5. Pelos isolados do Igarapé Omerê, em Rondônia (seis pessoas), pelos isolados do Igarapé Tabocal (população incerta) e pelos isolados do Igarapé Xinane (população incerta).

DIA 22 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos isolados do Tabocal aos isolados do Tapirapé



Cada etnia pouco ou não evangelizada representa um desafio único. Os grupos menos evangelizados são, comumente, os que apresentam maiores barreiras, sejam geográficas, de acesso, linguísticas, culturais ou políticas.

Devemos orar para que o Senhor dê direção e criatividade a cada iniciativa missionária que intente proclamar as boas novas para esses grupos.

Também devemos orar por cuidado cultural ao fazê-lo, para que contribuamos para que eles conheçam o Evangelho e sejam assistidos socialmente dentro de sua própria cultura, sem imposições ou desrespeito.

Oremos:

1. Pelos isolados do Igarapé Tabocal, no Acre (população incerta), e pelos isolados do Igarapé Xinane, no Acre (população incerta);
2. Pelos isolados do Jacareúba, no Amazonas (50 pessoas), e pelos isolados do Jandiatuba, no Amazonas (300 pessoas);
3. Pelos isolados do Jatapu, no Amazonas, no Pará e em Roraima (50 pessoas), pelos isolados do Madeirinha, no Mato Grosso (população incerta), e pelos isolados do Mamoriazinho, no Amazonas (população incerta);
4. Pelos isolados do Mapuera, no Pará (população incerta), pelos isolados do Parauari, no Amazonas e no Pará (população incerta), e pelos isolados do Rio Candeias, em Rondônia (população incerta);
5. Pelos isolados do Rio Jari, no Pará (população incerta), pelos isolados do Rio Liberdade, no Mato Grosso e no Pará (população incerta), e pelos isolados do Rio Tapirapé, no Pará (população incerta).

DIA 23 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos isolados do Teles Pires aos isolados do Karuazu

Um dos maiores desafios missionários na evangelização dos grupos pouco ou não evangelizados é a perseverança. Em geral, um trabalho em um grupo novo não é realizado em menos de 20 anos e, muitas vezes, bem mais que isso, até mesmo várias gerações. Isso envolve perseverança, mesmo em épocas em que nada novo parece acontecer, e confiança de que o Senhor está no comando e realizando Sua obra, mesmo quando não conseguimos enxergá-la.





Oremos para que os missionários se encorajem mutuamente e sejam encorajados pela igreja brasileira. Que a igreja indígena seja também encorajada a prosseguir e que Jesus seja em tudo glorificado.

Oremos:

1. Pelos isolados do Teles Pires, no Mato Grosso (população incerta), e pelos isolados do Uru-Eu-Wau-Wau, em Rondônia (população incerta);
2. Pelos Issé, no Amazonas (população incerta), e pelos Itogapuk, no Mato Grosso e em Rondônia (100 pessoas);
3. Pelos Jiboia, no Amazonas (população incerta), pelos Jiripancó, em Alagoas e em Pernambuco (2.050 pessoas), e pelos Kaixana, no Amazonas (505 pessoas);
4. Pelos Kalabaça, no Ceará (229 pessoas), pelos Kamba, no Mato Grosso do Sul (2.100 pessoas), e pelos Kantaruré, na Bahia (493 pessoas);
5. Pelos Karapotó, em Alagoas (2.189 pessoas), pelos Kariri, na Bahia, no Ceará e em Pernambuco (1.612 pessoas), e pelos Karuazu, em Alagoas e em Pernambuco (1.065 pessoas).

DIA 24 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos Katiana aos Maitapú



O Departamento de Assuntos Indígenas da Associação de Missões Transculturais Brasileiras (DAI-AMTB) colabora com as agências e iniciativas missionárias evangélicas entre os indígenas, trabalhando em parceria com o Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas (CONPLEI) e outras associações.

Devemos orar para que o Senhor fortaleça o DAI-AMTB, dando direção clara em cada projeto de pesquisa, comunhão entre as agências e mobilização da igreja brasileira. Que, por meio do seu site (www.indigena.org.br) e de todo o material produzido, muitos novos missionários se levantem para as mais diversas áreas e agências em nosso país.

Oremos para que o Senhor continue a dar boa comunhão e trabalho conjunto para as agências missionárias e denominações evangélicas que atuam entre os indígenas em nosso país.

Continuemos a interceder pelos 121 pouco ou não evangelizados no Brasil.

Oremos:

1. Pelos Katiana (população incerta) e pelos Katukina do Rio Biá, ambos no Amazonas (450 pessoas);
2. Pelos Kaxixó, em Minas Gerais (304 pessoas), e pelos Kayura, no Pará (população incerta);
3. Pelos Kokuiregatejê, no Maranhão (população incerta), pelos Kokuryana, no Pará (população incerta), e pelos Kontakiro, no Amazonas (população incerta);
4. Pelos Kontanawa, no Acre (250 pessoas), pelos Kraptê, no Pará (população incerta), e pelos Krejê, no Maranhão (30 pessoas);
5. Pelos Kueretu, no Amazonas (população incerta), pelos Kujubim, em Rondônia (55 pessoas), e pelos Maitapú, no Pará (população incerta).

DIA 25 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos Makuna aos Nereyó



Devemos interceder pelos centros de treinamento missionário em nosso país, bem como pelas igrejas enviadoras, para que o Senhor proveja aos novos missionários uma boa educação teológica, missiológica, linguística e antropológica.

Intercedamos para que os períodos de treinamento e envio sejam especiais na vida de cada missionário e para que eles caminhem na vida com Deus e busquem o caráter de Cristo.

Oremos também pelos processos de encontro de culturas entre missionários e indígenas que acontecerão nos próximos anos, para que o Senhor dirija os momentos e os passos e para que tudo contribua para bons e saudáveis relacionamentos, para o testemunho de Cristo.

Oremos:

1. Pelos Makuna (696 pessoas) e pelos Mandawaka, ambos no Amazonas (24 pessoas);
2. Pelos Maopityán, no Pará (população incerta), e pelos Matipu, no Mato Grosso (119 pessoas);
3. Pelos Miarrã, no Mato Grosso (população incerta), pelos Mihua, no Maranhão (população incerta), e pelos Miriti, no Amazonas (120 pessoas);
4. Pelos Morerebi, no Amazonas (100 pessoas), pelos Muru, no Acre (população incerta), pelos Mynky, no Mato Grosso (356 pessoas), e pelos Nadëb do Rio Negro, no Amazonas (275 pessoas);
5. Pelos Natu, em Sergipe (população incerta), pelos Naua, no Acre (422 pessoas), e pelos Nereyó, no Pará (população incerta).

DIA 26 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos Nokiari aos Paumelenho



As etnias indígenas brasileiras se relacionam cada vez mais com um amplo leque de segmentos sociais e organizacionais da cultura envolvente, como representantes da FUNAI, agentes de ONGs, comerciantes, linguistas, antropólogos, religiosos e assim por diante. É necessário orar para que os povos indígenas do Brasil desenvolvam bons mecanismos de relacionamento, a fim de obter aquilo que desejam e não se perder em sua identidade como grupo.

As políticas públicas brasileiras, especialmente as de índole assistencialista, muitas vezes funcionam como mecanismos de atração do indígena para fora do seu território tradicional e aproximação às pequenas e grandes cidades, onde ele recebe auxílio mensal, assistência de saúde e educação, entre outras coisas.

Quando as relações entre indígenas e outros segmentos externos se manifestam de forma desequilibrada, frequentemente produzem perdas humanas e sociais duradouras no grupo. Devemos orar para que o Senhor preserve os povos indígenas do Brasil de contatos e relações nocivos e exploratórios.

Oremos:

1. Pelos Nokiari, no Amazonas (população incerta), e pelos Nukini, no Acre (697 pessoas);
2. Pelos Numbiai, no Mato Grosso (população incerta), e pelos Paiaku, no Ceará (220 pessoas);
3. Pelos Paikdai, no Amazonas (população incerta), e pelos Panará, no Mato Grosso e no Pará (400 pessoas);
4. Pelos Pankará, em Pernambuco (2.702 pessoas), pelos Pankaru, na Bahia (179 pessoas), e pelos Pantamona, em Roraima (5.608 pessoas);
5. Pelos Papavô, no Acre (200 pessoas), pelos Paranawat, em Rondônia (100 pessoas), e pelos Paumelenho, em Roraima (população incerta).

DIA 27 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos Pipipã aos Turiwara



Oremos pelo governo brasileiro, pela FUNAI, pelas Forças Armadas, pela Polícia Federal e pelo IBAMA. Oremos por relacionamentos positivos, boa comunicação e entendimento com os povos indígenas do Brasil.

Oremos pelas iniciativas do governo brasileiro junto aos povos indígenas, para que as propostas que sejam positivas para o País e para os indígenas sejam encaminhadas e implementadas.

Oremos por sabedoria dos governantes nas decisões, sobretudo aquelas que regulam os territórios indígenas e as relações entre indígenas e não indígenas.

Oremos:

1. Pelos Pipipã, em Pernambuco (1.640 pessoas), e pelos Puti, no Amazonas (população incerta);
2. Pelos Sakiriabar, em Rondônia (103 pessoas), pelos Salumá, no Pará (300 pessoas), e pelos Suruwahá, no Amazonas (200 pessoas);
3. Pelos Tapayuna, no Mato Grosso (63 pessoas), pelos Tingui-Botó, em Alagoas (350 pessoas), e pelos Tovajara, no Maranhão (população incerta);
4. Pelos Truká, na Bahia e em Pernambuco (4.169 pessoas), pelos Trumai, no Mato Grosso (198 pessoas), e pelos Tukumanfed, em Rondônia (população incerta);
5. Pelos Tumbalalá, na Bahia (1.469 pessoas), pelos Tupinambá, na Bahia e no Pará (4.741 pessoas), e pelos Turiwara, no Pará (60 pessoas).

DIA 28 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos Uraparaquara aos Xambioá



Devemos louvar a Deus por Sua presença e boa mão à frente de cada passo missionário em solo brasileiro. Também devemos louvar ao Senhor pela Sua bondade em despertar cada igreja enviadora, abençoar cada centro de formação missionária, sustentar cada missionário e fazer nascer novas igrejas indígenas e lideranças indígenas nacionais. Deus é bom!

Devemos louvar ao Senhor pelos veteranos e pioneiros que vieram antes de nós, muitos de outros países. Oremos pelos que continuam empenhados na luta e por aqueles novos que chegam ou que ainda chegarão.

Devemos louvar ao Senhor pelos indígenas que ouviram falar de Jesus e por todos aqueles que ouvirão em breve.

Devemos louvar ao Senhor por Sua graça, que é melhor que a vida, e pela oportunidade que temos, como igreja, de sermos úteis em Suas mãos no partilhar do Evangelho de Cristo entre os indígenas do nosso país.

Oremos:

1. Pelos Uraparaquara (população incerta) e pelos Uru-Pa-In (200 pessoas), ambos em Rondônia;
2. Pelos Waharibo, no Amazonas (população incerta), e pelos Waimiri-Atroari, no Amazonas e em Roraima (1.120 pessoas);
3. Pelos Wakoná, em Alagoas (900 pessoas), e pelos Warikyana, no Pará (população incerta);
4. Pelos Wassu, em Alagoas (2.061 pessoas), e pelos Wokarangma, no Pará (31 pessoas);
5. Pelos Woreyana, no Pará (população incerta), e pelos Wambioá, no Pará e no Tocantins (250 pessoas).

DIA 29 – Oremos pelos pouco ou não evangelizados dos Xetá aos Zo'é



Ainda oremos pelas 121 etnias pouco ou não evangelizadas. Em nosso país, há claros casos de discriminação das ações missionárias evangélicas. Um deles se ambienta entre a etnia indígena Zo'é, na qual uma missão evangélica foi tolhida de sua permanência, mesmo em detrimento do desejo do grupo indígena e das competentes ações no estudo da língua e da cultura. O outro caso se dá entre os Suruwahá, pois, a despeito do relevante trabalho missionário e do desejo do grupo, há restrições em relação à presença missionária.

Tais situações se tornam mais e mais frequentes no movimento evangélico missionário entre indígenas. Devemos orar por portas abertas e por um tratamento justo por parte do Estado brasileiro e de organizações não governamentais.

Sabemos, porém, que a fé cristã, ao longo dos séculos, expande-se entre barreiras e obstáculos. Devemos orar para que o Senhor mantenha abertas as portas para o trabalho que já caminha entre os indígenas, abra portas novas e fortaleça os missionários que vivem sob perseguição. Também oremos por um bom relacionamento dos agentes missionários com o Estado brasileiro e com as ONGs em cada região.

Devemos interceder por liberdade e portas abertas entre todos os povos, mas façamos isso hoje, de forma especial, pelos povos Suruwahá e Zo'é.

Oremos:

1. Pelos Xetá, no Paraná, em Santa Catarina e em São Paulo (86 pessoas), e pelos Xocó, em Alagoas e em Sergipe (380 pessoas);
2. Pelos Xukuru-Kariri, em Alagoas, na Bahia e em Minas Gerais (2.950 pessoas), e pelos Yabaana, no Amazonas (90 pessoas);
3. Pelos Yakarawakta, no Mato Grosso (30 pessoas), e pelas etnias Yanomami (Sanumá, Xamatari, Ninam e Ajarani), no Amazonas e em Roraima (16.000 pessoas);
4. Pelos Yaruma, no Mato Grosso (população incerta), pelos Yuhupdeh, no Amazonas (1000 pessoas), e pelos Yawalapiti, no Mato Grosso (233 pessoas);
5. Pelos Yurupari-Tapuya, no Amazonas (população incerta), e pelos Zo'é, no Pará (421 pessoas).

DIA 30 – Oremos pela tarefa inacabada



Oremos pela tarefa ainda inacabada. Só o Senhor de fato a conhece – sua dimensão e todas as suas implicações. Oremos para que Ele mesmo desperte em nós o desejo de obediência.

Oremos para que o Senhor levante, nestes próximos anos, 500 novos missionários em nosso meio para o trabalho indígena no Brasil.

Oremos para que o Senhor desperte a igreja indígena para sua vocação missionária em nosso país e além dele.

Oremos para que o Senhor abra os olhos do nosso coração para vermos o caminho certo a tomar, em cada passo.

Oremos para que a história das missões evangélicas entre os povos indígenas do Brasil seja marcada pela ação do Espírito Santo de Deus, guiando cada iniciativa, dando o melhor rumo, atraindo para as áreas de maior necessidade, gerando ânimo sempre renovado, suprindo o necessitado e convertendo corações.

Oremos:

1. Para que o nome de Jesus seja glorificado nas ações entre os indígenas no Brasil e pela conclusão da tarefa ainda inacabada;
2. Por obediência, fidelidade, perseverança e contentamento para uma força missionária atuante entre os povos indígenas;
3. Por suprimento do alto para cada ação, seja evangelizadora ou social;
4. Para que a igreja indígena se torne mais e mais missionária e amadurecida na Palavra e para que tenha uma visão do Reino que vá além de suas fronteiras;
5. Para que a igreja brasileira e a igreja indígena se abençoem mutuamente e tenham santa comunhão e mútuo respeito na diversidade sociocultural e linguística.

100 Anos do Evangelho entre os Indígenas do Brasil

"Em busca do tesouro perdido"

No final do século passado, um cidadão do Reino Unido (Escócia) chamado John Hay e um amigo, resolveram juntar seus pertences e partirem para America do Sul; lugar que eles tinham ouvido dizer ser o procurado "Eldorado"; terra na qual os homens buscavam para si grandes fortunas, porque as oportunidades para enriquecer eram muitas (ouro, estanho, prata, terras, etc.).



JOHN HAY e ALEXANDRE HAY (filho de John Hay)

Assim, numa manhã chuvosa, eles embarcaram em um navio no cais de Liverpool (Inglaterra) em busca do tão sonhado Eldorado. Depois de

muitos dias navegando, ora em mar revolto ora em bonança, o navio aportou no cais de Buenos Aires (Argentina).
John Hay e seu companheiro ficaram por algum tempo na cidade de Buenos Aires; mas não era ali que eles esperavam ficar ricos.
Buenos Aires tinha aparência das cidades européias, lugar de onde eles vieram e eles acharam que ali não haveria grandes oportunidades para se ganhar muito dinheiro. Assim sendo, os dois amigos partiram para outras cidades da America do Sul em busca de riquezas.
Viajaram por muitos lugares e foram alcançando aquilo que buscavam, ou seja, começaram a ficar ricos. Em determinado momento, cada um tomou o seu próprio caminho em busca de mais riquezas.
John Hay agora estava só, ele e seu dinheiro, pensando ter alcançado o seu objetivo de vida. Um dia, porem as coisas mudaram – John Hay perdeu toda a sua fortuna que tinha ajuntado, nos cassinos do Paraguai.
E assim sem dinheiro e sem amigos, num país distante e longe dos familiares, o homem que queria ganhar os "tesouros do mundo", ouve as Boas Novas de Salvação e recebe Deus, por meio de Jesus o Tesouro Maior do mundo, que ele não viera buscar na América do Sul, mas que acabou ganhado pelo grande Amor de Deus.

"Achando o verdadeiro tesouro perdido"

Convertido ao Senhor Jesus, John Hay volta para sua terra natal, alguns anos se passam. Novamente desembarca de um navio na América do Sul (Santos), já não com um companheiro para ganharem os tesouros do mundo, mas com uma companheira, a sua fiel esposa (também crente) com quem se casara em seu país, para anunciarem aos pecadores o caminho do verdadeiro Tesouro da Salvação Eterna – Cristo Jesus.
E assim, no ano de *1902*, esse homem transformado, começa no Paraguai, lugar onde ele perdeu toda a sua fortuna, anunciar a salvação em Cristo Jesus com a Missão Evangélica e Médica do Paraguai. A ele se agregaram

outros missionários para trabalharem no meio de índios hostis, lugarejos pobres, vilas e cidades isoladas, falando do amor de Cristo e dando assistência médica e social. Mais tarde, com o crescimento da obra e atingindo outros países, a missão passa a chamar-se União Missionária da América do Sul.

O objetivo da missão foi a de concentrar esforços para longe dos grandes centros urbanos e penetrar em áreas remotas onde nenhuma outra obra evangelística tinha sido feito, para pregar e estabelecer auto-sustentável, as igrejas de auto-propagação entre os nativos das tribos indígenas.

Visão esta, que anos posteriores as igrejas Indígenas tomariam, ou seja, seriam elas mesmas as sustentadoras e propagadoras do evangelho, inaugurando um novo conceito missiológico, "Índio Evangelizando outro índio".

"Escute o clamor do homem vermelho, América do Sul está Chamando"

Tomado de grande amor pelas almas perdidas, o homem que tanto procurou por tesouros perdidos, agora grita: América do Sul esta chamando, o coração gigante, ultimo grande continente necessita da palavra da vida!

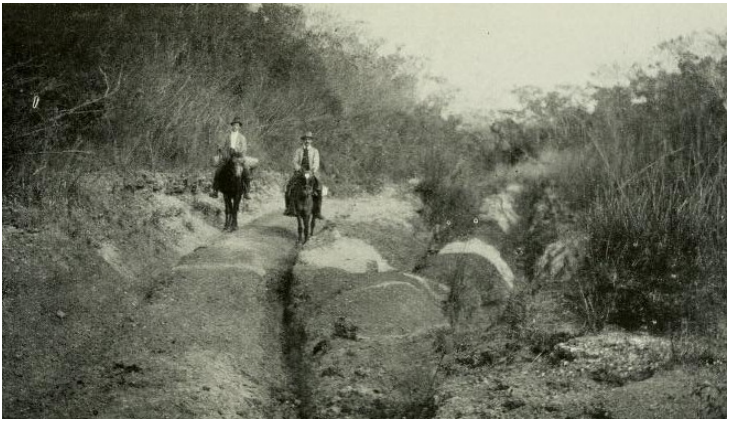
Estão em escuridão: Paraguai, Brasil, Peru, Venezuela, suas crianças estão agonizando e o Salvador manda nós apressar os nossos passos para ir ao encontro desses povos.

Escute o clamor do homem vermelho que suspira entre as árvores de palmas altas.

Ituké Ituko'óviti xapakuke kopenoti
(A palavra de Deus entre os indígenas)

“1912 A primeira visita aos Índios Terena do Brasil.”

No ano de 1912 Sr. John Hay, então diretor da ISAMU, e o senhor Henrique Whittington, fizeram a primeira viajem que durou dois meses de cavalo, desde Concepção no Paraguai até o interior do Brasil, no município de Aquidauana. Foi um primeiro contato com os índios Terena, visitando várias aldeias a fim de colher informações e a possibilidade de instalar uma casa missionária e escola na aldeia.
O lugar escolhido foi Bananal e Ipegue, onde concentrava o maior número de indígenas da região. A viajem foi realizada a cavalo, pois, na época a estrada de ferro ainda não estava construída.



John Hay e Henrique Whittington
(dois meses de Concepção Paraguai até o Brasil)

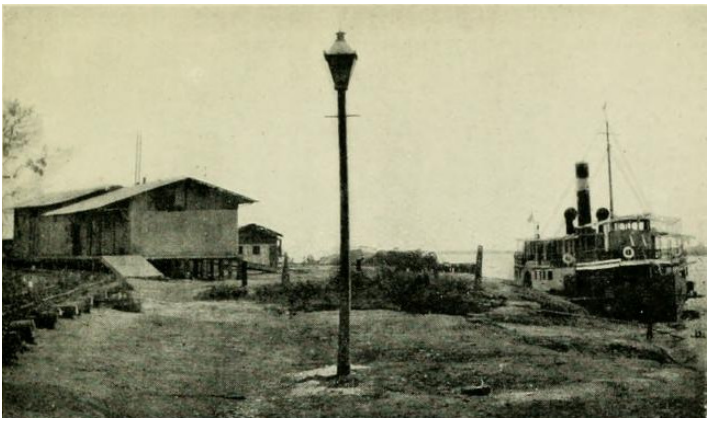
Os primeiros missionários foram bem recebidos, os Terenas já tinham contato com os Brancos e tinham sido reconhecidos pelo governo federal por terem ajudado o Brasil na grande guerra contra o Paraguai. Isso facilitou a comunicação com os missionários, alguns indígenas já sabiam ler e escrever.

Explicaram para o povo a finalidade da visita e os Terenas junto com o capitão Manuel Pedro ficaram bastante ansiosos para que eles pudessem morar na aldeia, prometeram construir um lugar para que pudesse servir de escola e também se propuseram a auxiliar na construção de casas para moradia dos missionários.
Quando os missionários viram que os indígenas do Ipegue e de Bananal, junto com o capitão Manuel Pedro e demais lideranças, estavam de comum acordo, perceberam então que Deus abrira uma grande porta de entrada num campo, até então, fora do alcance da mensagem do evangelho da graça redentora.



Esquina da Aldeia Ipegue

Depois dessa feliz visita e com muitas esperanças e planos para os Terenas, voltaram por rio, primeiro num batalhão, no rio Miranda, até porto esperança, onde embarcaram num navio para Concepção, e de lá até Assunção, a capital do Paraguai, a fim de providenciar as coisas necessárias para os novos planos. Mudaram a sede para Vila rica, de onde esperam alcançar índios e continuar trabalhando entre os Paraguaios descrentes, enquanto esperavam um novo casal que nos havia de ajudar no novo trabalho.



Porto Esperança – Mato Grosso

"1913 Os missionários voltam decididos a morar com os Índios Terenas"

Em 16 de maio de 1913, o senhor Henrique Whittington e sua esposa, juntamente com sua filhinha de apenas três meses e os novos missionários com seu filhinho, embarcam de Assunção.

A estrada de ferro já existia de Porto Esperança até Aquidauana, mas devido enchente, não podíamos desembarcar no Porto Esperança, e foram obrigados a continuar até Corumbá, de onde, por uma lancha foram rebocados até uma chata, seguindo até Miranda. Chegando a Taunay dia 30 de maio, já no escurecer, onde passaram a noite junto com um agente e um turco.

O capitão e alguns dos seus homens vieram prontamente arranjar a entrada dos missionários no meio deles. Porém, quando eles ouviram que não havíamos recebido permissão por escrito, da sociedade de proteção aos índios (SPI), não permitiram a entrada, mas não porque os índios não queriam, porque as autoridades não tinham dada a autorização.

A situação ficou difícil para os missionários, já que estavam com crianças e sem uma casa ou mesmo barraca para poder se abrigar.
Ao mesmo tempo era muito perigoso, pois tinham muitos bandidos e ladrões que buscavam refugio ou se escondiam no povoado de Taunay que fica perto das aldeias indígenas.
Deus guardava e protegia-os, pois através da ousadia e perseverança desses bravos homens e suas famílias, nasceria ali uma igreja forte, com índios convertidos e compromissados com o verdadeiro evangelho, a fim de proclamar libertação as nações indígenas do Brasil e nos dias de hoje, esse movimento não para de crescer.
Enquanto o senhor Henrique, passava noites e dias longe de sua família buscando negociar com os oficiais em Aquidauana e Rio de Janeiro a permanência dentro das comunidades indígenas, os demais missionários fizeram um acampamento improvisado de cobertores e lençóis a beira da aldeia.



Casas improvisadas de cobertores e lençóis à beira da Aldeia Indígena.

A razão principal deles não serem recebidos pelos índios era que já tinha uma promessa por parte do governo de mandar professores para aldeia, e que estava descartando a possibilidade deles atuarem, as forças malignas estavam se levantando cada vez mais contra o processo de evangelização, ao mesmo tempo, Deus estava movendo os céus para que os missionários pudessem entrar na aldeia, e nada iria impedir o mover de Deus para que os indígenas pudessem conhecer a verdade.



Casebre, onde eles fizeram sua primeira moradia e iniciaram as aulas.

A resposta veio em seguida, eles já tinham autorização para adentrar nas terras indígenas e darem prosseguimento ao projeto de educação e evangelização do povo.

“As primeiras aulas com os Índios Terenas.”

Foram então colocados em um pequeno casebre para acomodar suas famílias, se eles estavam dispostos a pagar o preço pelo amor as vidas perdidas, esse era o momento, provações e privações sempre os acompanhavam.

Até hoje, esse mesmo sistema é usado na evangelização, os missionários precisam entrar nos campos como enfermeiros, professores, médicos, etc., e evangelizando, muitos precisam viver no meio da selva, longe do conforto de suas casas sendo obedientes ao chamado que receberam do salvador Jesus, que sempre suprirá todas as necessidades dos que estão no centro da Sua vontade.

Dias depois os missionários foram morar em uma casa melhor, o senhor Jorge Pio, que morava na rua principal, mui bondosamente cedeu sua casa, onde posteriormente foi iniciada a primeira escola missionária entre o povo Terena, com aulas na parte da noite para os adultos, sendo bem freqüentada.



Senhor Henrique Whittington e os alunos Terena.

Então, com muito esforço e perseverança, passando por várias lutas e dificuldades, começaram-se os cultos evangélicos. O povo que no inicio já era amigável, agora estava mais interessada e com muito mais confiança no trabalho que os missionários desenvolviam.

No princípio, havia uma freqüência muito resumida, mas pouco a pouco os números aumentaram. Ainda a batalha não era vencida, porém o senhor

começou a abençoar a semente que havia sido lançada, e depois de algum tempo, alguns não só ficaram interessados na salvação das suas almas, mas havendo aceitado Jesus Cristo como seu salvador, tomaram uma nova atitude na sua vida. Os que bebiam, começaram a deixar de beber, também tratavam melhor suas esposas e seus filhos, trabalhavam com vontade, e até suas roças começaram a produzir melhor. Até o dia de hoje os Terenas vendem seus legumes e verduras nas cidades perto de suas aldeias.

Cada vez que eles mediam e faziam planos de construir as suas primeiras casas, sempre a licença era cancela. Isso era desmotivador e trazia muita tristeza para todos. O senhor Henrique perdeu as esperanças e foi pessoalmente a Cutapé, a fim de ver a possibilidade do dono desta fazenda vender um terreno suficiente para construir suas casas.

Não vendeu, porém deu, gratuitamente, a terra em que as casas da Missão foram construídas. Mais tarde, concedeu um terreno em Taunay a fim de construir uma igreja, junto com a escritura dos dois lotes. Ele foi obrigado regressar a sua terra natal antes que pudesse fazer mais em Taunay além de marcar o terreno.



A casa missionária na aldeia Bananal

Depois de receber a terra da Esperança, enceram as aulas a fim de construírem as casas. Os cultos, porém, não foram interrompidos e a classe da Bíblia e a classe de canto não cessaram. Já estávamos realizando cultos em Ipegue e foram bem freqüentados.

Fato é que apesar de não ter conversões o interesse era tão grande que o povo de Ipegue considerou a possibilidade de construir uma igreja para os cultos que realizamos todo domingo á tarde. O trabalho de Bananal progredia continuamente, e diversos indígenas manifestaram sua fé em Jesus Cristo.
Resolveram realizar o primeiro batismo. Os que consideravam prontos estavam sendo instruídos quanto ao sentido verdadeiro do batismo. De uns oito que desejavam se batizar foi escolhido apenas quatro, e logo marcaram a data para realizar este sacramento.
Um pouco antes disto o professor do governo chegou. Seu objetivo principal parecia ser caluniar os missionários e seus ensinos, é claro que o inimigo não podia ver o povo se convertendo. Esse professor disse aos índios que não seriam permitidos pregar o evangelho em qualquer vila ou cidade brasileira, pois o ensino era destinado para os mais ignorantes e depravados, tais como os índios mais atrasados. Porém, o fogo que Deus acendeu continuou a queimar. Vendedores de pinga continuaram a fechar seus bares quando foram transformados em suas vidas.
Então apareceu um padre romano a convite, como se dizia, do professor, com a finalidade de dar aos índios que ele havia sido mandado pelo governo. O padre rezava missa e batizava muitas crianças, distribuía medalhas aos seus adeptos.

“1915, Batismo dos primeiros crentes indígenas”

Cada vez que os missionários realizavam um culto, ele também fazia o mesmo em oposição. A freqüência dos cultos diminuiu um pouco, porém os crentes permaneceram firmes.

A vitória então veio com um sabor especial, foram batizados publicamente os quatro na presença de um grande número de espectadores, tanto incrédulos, como interessados, Jorgina Lili foi a primeira, depois a esposa

de Henrique Pereira, Honório Massi e finalmente Henrique. Todos estes deram testemunho vivo antes de serem batizados.



A primeira igreja evangélica indígena na aldeia Bananal

Então domingo, dia ***31 de dezembro de 1915***, foi constituída a primeira igreja indígena evangélica em todo o Brasil. Depois disso foi celebrado com muita festa o sacramento da primeira ceia do Senhor entre o povo Terena.
É um dia a ser lembrado, não somente na terra, mas estamos persuadidos, que está escrito no céu a fim de ser festejado durante toda a eternidade, não somente pelos Terenas, mas por todos, pois essa vitória é pra honra e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo.
"Depois disso olhei e vi uma multidão tão grande, que ninguém podia contar. Eram de todas as nações, tribos, raças e línguas. Estavam de pé diante do trono e do Cordeiro." Apocalipse 7:9
Hoje, quanto tesouro perdido nas matas e florestas, tesouros estes que o próprio Deus deu a sua vida, e agora depositou em nossas mãos a tarefa de buscar o que se havia perdido. Com maravilhoso saber que o esforço de dois homens e suas famílias, salvou muitos índios Terenas e agora com 100 anos, os próprios índios Terenas saem de suas aldeias para alcançar outros patrícios.

"Motovani pahúkea Anju, xapakuké kopénoti, Motovani Pahúkea Anju, uti kuvovo ne Vunãe" (Podia até mandar um anjo para as tribos avisar, mas escolheu você e a mim)

Referência Bibliográfica:

-PENETRATING SOUTH AMERICA'S DARKEST PART, Alex, Rattray hay

Illustrations by INLAND-SOUTH-AMERICA MISSIONARY UNION

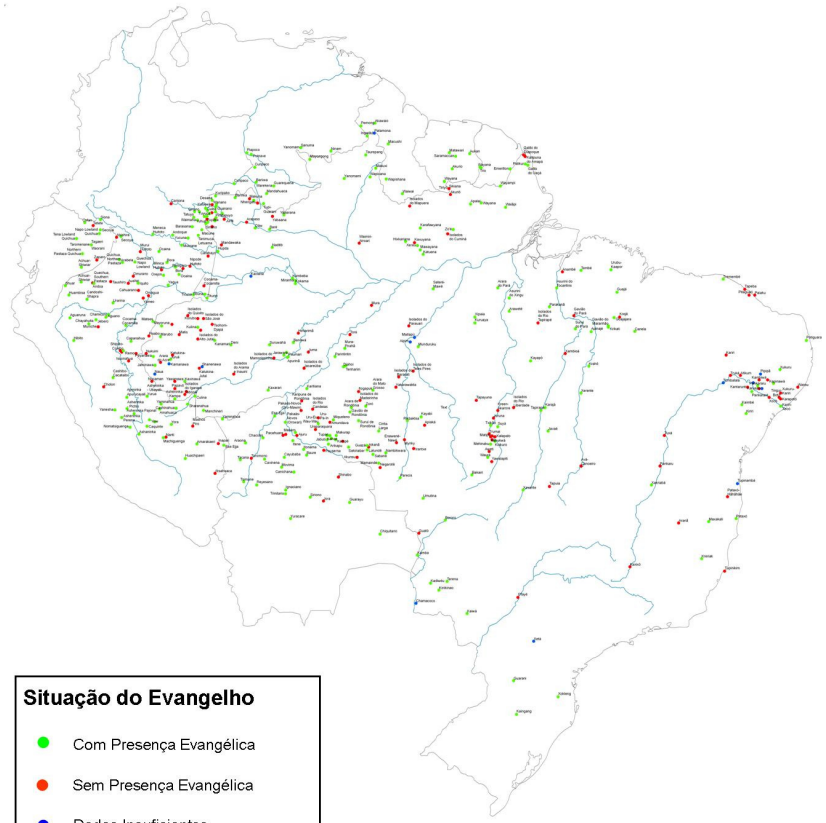
-Saints and savages; Brazil's Indian problem, Alex, Rattray Hay,

INLAND-SOUTH-AMERICA MISSIONARY UNION

MAPA INDÍGENAS DA AMAZÔNIA – ALTECO

Mapa ALTECO

Estatística dos Grupos Tribais da Bacia Amazônica



COLABORADORES: *(Em ordem alfabética)*

Alceris Dias Terena
Missionário pela Amanajé e coordenador do CONPLEI norte. Diretor do Centro Indígena de Treinamento Integral. Casado com Arlene e tem um casal de filhos. Está concluindo seu bacharel em missiologia em Manaus.
alceristerena@gmail.com

Corina B. Dias
Professora no Centro de Treinamento AMI, Chapada dos Guimarães, MT. Cordenadora da AMEI. Casada com Henrique e tem um casal de filhos.
corinaterena@hotmail.com

Daniel Snyder
Missionário pela SAIM e diretor do Centro de Treinamento AMI, Chapada dos Guimarães, MT. Casado com Julie e tem três filhos.
djsnyder@southamericamission.org

Edson Oliveira Santos Bakairi
Missionário entre seu próprio povo Bakairi. Diretor Tesoureiro do CONPLEI. Professor e consultor para assuntos indígenas. Palestrante conferencista nos seminários de Festejando a Libertação. Casado com Teresinha e tem um filho.
edsonbakairi@hotmail.com

Eli Leão Catachunga Ticuna
Pastor, missionário da OMITTAS (Organização da Missão Evangelica Indigena da Tribo Ticuna do Alto Solimões) entre seu próprio povo Ticuna. Cordenador da Rede Trans-Amazônica de Líderes Indígenas. Vice-presidente do CONPLEI. Consultor de assuntos indígenas e conferencista. Casado com Anita e tem quatro filhos.
eliticuna@yahoo.com

Leonizia Firmo Jutzi Tucano
Missionária pela Amanajé e atualmente em sabático sendo professora no Centro de Treinamento AMI. Diretor Secretário do CONPLEI e cordenadora do programa TIB. Casada com Markus.
leosuikiri@gmail.com

Paulo Nunes de Carvalho
Pastor, missionário e conferencista. Solteiro. Mobilizador Nacional do CONPLEI e cordenador do programa PAMI. Secretário executivo da AMA (Associação Missão Amazonas).
conpleinorte@hotmail.com

Ricardo Torres Poquiviqui Terena
Pastor, missionário pela MIU (Missão Indígena UNIEDAS). Secretário excecutivo da MIU. Missionário entre o povo Ofaié (alcançado em 2008 e com igreja própria pela UNIEDAS). Casado com Flávia e tem uma filha. Bacharel em teologia pela FATEL, Campo Grande, MS.
ricardo@uniedas.com.br

Ronaldo Lidório
Doutor em antropologia e missionário pela APMT (Agência Presbiteriana de Missões Transculturais) e da missão AMEM. Membro da American Anthropological Association. Cordenador do DAI – AMTB e Indígenas do Brasil. Consultor em assuntos missionários, conferencista, tradutor e assessor do CONPLEI. Casado com Rosane e tem um casal de filhos.
indígena@amtb.org

ORGANIZADORES:

Henrique Dias Terena

Henrique é pastor e missionário. Professor e co-diretor do Instituto AMI em Chapada dos Guimarães, MT. Bacharel em teologia e mestrado em missiologia pela faculdade de Araçatuba, SP. É o presidente nacional do CONPLEI e Vice-cordenador da rede Transamazônica de Líderes Indígenas. Conferencista e consultor em assuntos indígenas. Casado com Corina e tem um casal de filhos.

hterena@gmail.com

Joshua H. Chang

Joshua (Josué) é pastor e missionário pelo PGM (Professionals for Global Mission) e trabalha com CONPLEI há 10 anos no Brasil. É o cordenador do programa Associados do CONPLEI e assesor para líderes indígenas no Brasil e na região amazônica. Bacharel em teologia, mestrado em Literatura Bíblica e Divindade pela Westminster Theological Seminary em Filadélfia, EUA. Casado com Hyun (Eunice) e tem 3 filhos.

associados.conplei@gmail.com ou semearbrasil@gmail.com

CONPLEI

Conselho Nacional de
Pastores e Líderes
Evangélicos Indígenas



Um Movivento da Terceira Onda Missionária

Rodovia Emanoel Pinheiro, KM 56
Chapada dos Guimarães, MT, Cep 79195-000
www.conplei.org.br

Ofertas e contribuições:

Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas
CNPJ: 07221085/0001-87
Banco Bradesco / Chapada dos Guimarães, MT
Agência: 598-3
Conta Corrente: 011031-0

Nos últimos dez anos pudemos testemunhar um crescimento inaudito em termos de evangelização aos povos indígenas no Brasil. Este avanço foi alavancado por vários movimentos missionários entre as agências que trabalham em muitos campos indígenas, sejam elas de acesso fácil ou remoto.

Mas em todo este mover não podemos deixar de mencionar um movimento em particular que Deus está levantando no Brasil unindo tanto as agências missionárias como também as mais de 60 etnias que fazem parte deste movimento no Brasil e influenciando outros em países amazônicos adjacentes; O CONPLEI - Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas.



www.CONPLEI.org.br